

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Danielle Maria Braga da Silva

TRAJETÓRIAS DE VIDA: CAMINHOS PERCORRIDOS PELOS
ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DURANTE A
SUA VIDA ESCOLAR

GARANHUNS
2018

Danielle Maria Braga da Silva

**TRAJETÓRIAS DE VIDA: CAMINHOS PERCORRIDOS PELOS
ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DURANTE A
SUA VIDA ESCOLAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns.

Orientadora: Taynah de Brito Barra Nova

GARANHUNS
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Ariano Suassuna, Garanhuns-PE, Brasil

S586t Silva, Danielle Maria Braga da
Trajetórias de vida: caminhos percorridos pelos
estudantes da educação de jovens e adultos durante
a sua vida escolar / Danielle Maria Braga da Silva. –
2018.
70 f. ; il.

Orientadora: Taynah de Brito Barra Nova.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) – Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Departamento de Pedagogia, Garanhuns, BR-PE, 2019.
Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Educação de Jovens e Adultos 2. Escolas 3. História
social I. Nova, Taynah de Brito Barra, orient. II. Título

CDD 374

CDD 374

Danielle Maria Braga da Silva

**TRAJETÓRIAS DE VIDA: CAMINHOS PERCORRIDOS PELOS
ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DURANTE A
SUA VIDA ESCOLAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns.

Aprovado em 12 de fevereiro de 2019.

Banca Examinadora

Professora Taynah de Brito Barra Nova, UAG/UFRPE

Professor Lucas da Silva Castro, UAG/UFRPE

Professor Luiz Gonzaga Baião Filho, UAG/UFRPE

Dedico este trabalho minha mãe Maria Helena.
Mulher forte, que nunca mediu esforços para defender e cuidar de seus filhos.
Sempre fazendo o possível para termos acesso à escola.
Dedico também a todos que de alguma forma contribuíram para a sua construção,
que estiveram do meu lado, me incentivando e ajudando a prosseguir e não desistir.

AGRADECIMENTOS

São tantos os agradecimentos, nesse momento tão especial da minha vida. Agradeço infinitamente a Deus, por ter me dado forças espirituais para não desistir na caminhada. Um Deus que só quer o bem de todos, que não aceita injustiças, nem preconceitos ou discriminação de nenhuma espécie. Um Deus revestido de amor, que não faz julgamentos e não abandona seus filhos em momento algum. Um Deus que não está presente em lugares e sim em pessoas.

Agradeço imensamente a minha família, minha mãe, que esteve presente em minha trajetória escolar desde o princípio e que, mesmo sem recursos financeiros, lutou por mim e meus irmãos para que nunca nos fosse negado o direito de estudar - hoje ela pode ver sua filha ser a primeira pessoa da família a concluir o Ensino Superior. Ao meu pai, que mesmo sem entender muita coisa, sempre torceu por mim.

Agradeço a meus irmãos, principalmente minha irmã Dayse, que me ajudou de todas as formas possíveis nos dois primeiros anos de curso para que eu não desistisse em meio a tantas dificuldades que surgiram, como falta de dinheiro, de transporte ou de tempo.

Ao meu esposo, que sempre me apoiou desde o primeiro momento, sempre prestativo e compreensivo nos momentos que necessitei.

A todos da minha família, próximos e distantes, que torceram por mim, para que eu conseguisse findar essa etapa tão especial na minha vida.

Agradeço aos professores que passaram por minha vida, desde o início, com quem aprendi os primeiros rabiscos. Aqueles que me incentivaram, mostrando que sim, a educação pode ser transformadora!

Ao curso de Licenciatura em Pedagogia da UAG e todos os docentes que contribuíram com a minha formação durante esses quatro anos. Àqueles professores que nos proporcionam ensinamentos para além da vida acadêmica e profissional.

A minha orientadora, professora Taynah de Brito Barra Nova, que sempre foi muito educada e paciente com seus alunos e que durante o segundo período do curso, na disciplina de Políticas Públicas em Educação, me fez enxergar a educação com outro olhar, como um campo muito vasto, importante e, principalmente, político. Receba meus sinceros agradecimentos, por todos os ensinamentos, por toda receptividade quando a procurei para me orientar nesse trabalho. Terá sempre minha admiração, obrigada por tudo!

Aos professores que se dispuseram a contribuir com minha pesquisa, participando da banca, obrigada por toda a disponibilidade e ensinamentos.

Aos colegas de turma, com quem pude dividir aprendizados, dificuldades e até as frustrações.

A todos os funcionários, de maneira geral, que compõem a UAG. Àqueles que cuidam dos jardins, que cuidam da limpeza dos prédios, da segurança, dos transportes, das burocracias com documentos, cada um com sua importância peculiar.

Agradeço à escola Emídio Correia de Oliveira e todos os que fazem parte da sua equipe, que me receberam tão bem, me deixando muito a vontade para a realização da minha pesquisa. Um agradecimento em especial a docente Sandra Mattos, que já fazia parte da minha história escolar, quando foi minha professora anos atrás, e aos alunos que participaram do estudo. Sem a colaboração deles não teria sido possível.

A todas as escolas que ao decorrer do curso abriram suas portas para realização de estágios e pesquisas.

Por fim, encerro os agradecimentos com a certeza de que estou finalizando um ciclo importante da minha vida, mas que é apenas uma das etapas a concluir. Sei que ainda tenho muito a aprender, a construir e a agradecer. Espero poder contribuir de forma significativa para a educação no país. Serei defensora da educação como um direito de todos. Que todas as pessoas tenham acesso a uma educação de qualidade, que tenha o poder de transformar as pessoas. Uma educação que não aprisione o povo, e sim os liberte.

RESUMO

Este trabalho tinha como objetivo geral analisar a relação do estudante de Educação de Jovens e Adultos do município de São João/PE com a instituição escolar em suas trajetórias de vida. Para alcançá-lo, propomos conhecer, por meio de narrativas de histórias de vida, o percurso escolar dos alunos da EJA; identificar quais foram principais dificuldades encontradas pelos alunos durante a sua vida escolar; e estabelecer relações entre essas dificuldades e os sentidos atribuídos por eles a escola. Desenvolvemos nossa pesquisa em uma turma de 1ª e 2ª Fase de Educação de Jovens e Adultos de uma escola municipal de São João, no agreste pernambucano. A partir da Entrevista Narrativa, baseada nas Histórias Orais de Vida, coletamos os dados com dez estudantes. Nossa análise sobre as narrativas fez emergir quatro categorias. A primeira categoria, intitulada ***A escola compreendida na infância***, retrata as memórias construídas sobre a instituição escolar durante a infância do aluno da EJA. A categoria ***Reflexões sobre a vida escolar***, apresenta nossa análise sobre os depoimentos que envolvem as memórias dos alunos sobre as experiências vivenciadas com relação a escola. O ***Estímulo para ir à escola na infância e na fase adulta*** é tratado nesta terceira categoria. Os elementos que aqui elencamos nos esclarecem como a família tem peso nas decisões dos sujeitos da pesquisa. Na categoria ***A escola para a vida... A vida para além da escola***, nos aproximamos de uma escola supervalorizada pelos alunos da EJA. Se por um lado eles reconhecem que a vida pode ensinar, por outro eles relatam que é a escola que pode fazê-los, enfim, ter uma vida mais fácil, nem que seja, apenas através da aprendizagem da leitura e da escrita.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Escola. Entrevista Narrativa.

ABSTRACT

This work had as general objective to analyze the relation of the student of Education of Young and Adults of the municipality of São João / PE with the school institution in its life trajectories. To reach it, we propose to know, through narratives of life stories, the school journey of the students of the EJA; identify which were the main difficulties encountered by students during their school life; and to establish relations between these difficulties and the meanings attributed by them to the school. We developed our research in a group of 1st and 2nd stage of Education of Young and Adults of a municipal school of São João, Pernambuco. From the Narrative Interview, based on the Oral Life Stories, we collected data with ten students. Our analysis of the narratives gave rise to four categories. The first category, entitled ***The school comprised in childhood***, depicts the memories built on the school institution during the childhood of the student of the EJA. ***The Reflections on School Life*** category presents our analysis of the statements that involve the students' memories about the experiences they have had in relation to school. ***The stimulation to go to school in childhood and adulthood*** is treated in this third category. The elements that we have here clarify to us how the family has weight in the decisions of the research subjects. In the category ***The school for life ... The life beyond school***, we approach a school overvalued by the students of the EJA. If on the one hand they acknowledge that life can teach, on the other they report that it is the school that can make them, in short, have an easier life, if only, by learning to read and write.

Keys-Word: Youth and Adult Education. School. Narrative Interview.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: PERCUSSOS HISTÓRICOS E LEGAIS.....	17
2.1. Recorte do percurso histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil.....	17
2.2. A Educação de Jovens e Adultos na legislação brasileira atual.....	25
2.3. A Educação de Jovens e Adultos no curso de Licenciatura em Pedagogia da UAG/UFRPE - 2009 a 2017.....	27
3. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	30
3.1. Tipo de pesquisa.....	30
3.2. A pesquisa através de Narrativas Orais de Histórias de Vida.....	31
3.3. Instrumentos de coleta de dados.....	32
3.4. Cenários da pesquisa.....	34
3.5. Sujeitos da pesquisa.....	35
4. PENSAR A ESCOLA, NARRAR A VIDA: analisando e discutindo os resultados.....	39
5. CONSIDERAÇÕES.....	50
6. REFERÊNCIAS.....	51
7. APÊNDICES.....	56
7.1. Apêndice A - Roteiro da Entrevista.....	56
7.2. Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	57
7.3. Apêndice C - Transcrições das Entrevistas Narrativas.....	58

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos carrega em seu histórico a existência de práticas pedagógicas diferenciadas, orientadas pelo contexto social nas quais eram vividas. O serviço de atendimento educacional para pessoas fora da faixa etária regular passou por períodos em que a alfabetização de adultos era vista como um meio de impor ensinamentos religiosos. Também vivenciou momentos em que os índices de pessoas analfabetas cresciam vertiginosamente, além de acompanhar, de tempos em tempos, a criação de modelos diversos de intervenção para a diminuição destes índices através de programas de curto prazo - ora filantrópicos, ora advindos de políticas que objetivavam apenas a regularização de fluxo escolar.

Mesmo diante das várias propostas de educação para os adultos ou os jovens fora da faixa etária regular de atendimento, é possível identificarmos pontos comuns que se destacam entre tais cenários, como: a) o caráter volátil das propostas públicas, sempre abandonadas após implantação em curtos espaços da história da educação no Brasil, e b) a existência mais engajada de oferta de serviços por meios informais / voluntários de atendimento ao público.

Entretanto, um fator que ganha destaque neste debate é o cenário de lutas e conflitos, principalmente políticos, que moldou a identidade da oferta de educação para os que não tiveram acesso ou não puderam permanecer no ensino escolarizado no tempo regular.

Atualmente, a Educação de Jovens e Adultos é tratada como modalidade de ensino da Educação Básica. Legalmente, esta modalidade de ensino passou a ter garantias de respeito à especificidade das características do público ao qual se destina, trazendo em si a defesa, principalmente, de políticas educacionais voltadas para o público adulto; desde o conceito do direito negado, até a conquista do respeito à garantia de oferta de educação de qualidade.

O público atendido pela Educação de Jovens e Adultos carrega em suas trajetórias de vida relações próprias com a instituição escolar. Oliveira (1999) contribui com a reflexão sobre quem são os sujeitos atendidos por esta modalidade e nos auxilia a compreendermos e defendermos a existência de práticas pedagógicas específicas para este grupo nas escolas:

O adulto, para a educação de jovens e adultos, não é o estudante universitário, o profissional qualificado que frequenta cursos de formação continuada ou de especialização, ou a pessoa adulta interessada em aperfeiçoar seus conhecimentos em áreas como artes, línguas estrangeiras ou música, por exemplo. Ele é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles proveniente de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muito

frequentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiência no trabalho rural na infância e na adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetizar-se ou cursar algumas séries do ensino supletivo. E o jovem, relativamente recentemente incorporado ao território da antiga educação de adultos, não é aquele com uma história de escolaridade regular, o vestibulando ou o aluno de cursos extracurriculares em busca de enriquecimento pessoal. Como o adulto anteriormente descrito, ele é também um excluído da escola, porém geralmente incorporado aos cursos supletivos em fases mais adiantadas da escolaridade, com maiores chances, portanto, de concluir o ensino fundamental ou mesmo o ensino médio. É bem mais ligado ao mundo urbano, envolvido em atividades de trabalho e lazer mais relacionadas com a sociedade letrada, escolarizada e urbana. (OLIVEIRA, 1999, p. 02).

A autora traz a reflexão de que a especificidade do educando não é apenas etária, mas também cultural. Os alunos possuem características próprias mesmo dentro das suas respectivas posições de pessoas adultas e jovens e, por isso, já há algum tempo, passa a surgir a defesa de práticas educacionais específicas.

A história da educação nos mostra que, por um tempo, as práticas educacionais vivenciadas com os adultos eram iguais às desenvolvidas com crianças e, como é de se esperar, os resultados não tiveram efeitos positivos. Em outros momentos, passou a ter grande destaque a oferta de programas com foco na alfabetização do alunado que, com o passar do tempo, mostraram-se fracassados. Na década de 1960, com a grande repercussão dos movimentos populares, principalmente com iniciativas de alfabetização dos adultos, ganhou destaque o método de alfabetização que o professor Paulo Freire colocou em prática em Recife, vinculado ao Movimento de Cultura Popular, que o mesmo liderava.

A partir desse momento a Alfabetização de Adultos começou a ser vista com outros olhos, no que diz respeito às práticas pedagógicas e ao emergente reconhecimento da necessidade de criar oportunidades para uma educação de qualidade para este público, considerando que este aluno necessita de atenção específica. Este pensamento impulsionou programas de alfabetização que abandonam as mesmas orientações de programas do ensino regular.

Nesse sentido, salientamos também a importância dos autores que se empenham em pesquisas na área da educação escolarizada para os adultos e jovens, visto que a atual modalidade que os atende, mesmo diante dos avanços legais, ainda é alvo de preconceitos e exclusões, seja por parte da sociedade e ou mesmo dos poderes públicos.

Diversos estudiosos se debruçam sobre a Educação de Jovens e Adultos, suas perspectivas e possibilidades - sobre o percurso dessa modalidade de ensino na educação nacional (FRIEDRICH, 2010), sobre as políticas públicas referentes à modalidade (DI PIERRO, 2010), sobre as perspectivas de letramento dos estudantes (SILVA e LIMA, 2016) ou sobre as memórias construídas pelos educandos (FERNANDES, 2013). Aqui, discutiremos sobre o público atendido na modalidade, os alunos da Educação de Jovens e Adultos, através do resgate das histórias vividas por eles em suas trajetórias escolares, as relações traçadas entre o aluno e a escola, relações de ausência, afastamento, reencontro.

O interesse no desenvolvimento desta pesquisa surgiu através do desejo de escutar os educandos da Educação de Jovens e Adultos, incitada, inicialmente, durante uma pesquisa realizada durante um mês em uma turma de primeira fase da modalidade em uma escola na cidade de São João-PE – atividade desenvolvida no segundo período do curso de Licenciatura em Pedagogia, cursado em uma instituição pública, no agreste pernambucano.

Os alunos não eram os sujeitos da pesquisa, mas, sim, a professora. Entretanto, no decorrer da pesquisa, percebi que os estudantes sentiam uma grande necessidade de manifestar as suas histórias de vida e os motivos que os trouxeram de volta à escola, e que o momento estava contribuindo para prática pedagógica da professora em questão, visto que ela utilizava alguns conhecimentos dos alunos para dar andamento à sua aula. Diante dessa experiência, surgiu o desejo de realizar leituras de pesquisas que consideraram o trabalho com narrativas de histórias de vida na Educação de Jovens e Adultos.

Dentre os trabalhos encontrados, destacamos três que serviram como estímulo para realização da nossa pesquisa. O primeiro dele é intitulado “*Educação de Jovens e Adultos: Histórias de Vida Orais de Homens e Mulheres*” (ANDRADE e MAURÍCIO, 2015). O trabalho foi desenvolvido em uma instituição do município de São José, em Santa Catarina, com alunos de duas turmas da Educação de Jovens e Adultos, com idade entre 16 e 45 anos. No estudo, os autores ressaltam a importância dos resultados da pesquisa para uma aproximação com os educandos, como saber quem são esses alunos e o que eles esperam da escola. Corroboramos com o estudo, na consideração de que estes conhecimentos devem não apenas contribuir com o trabalho pedagógico na modalidade, mas, ser princípio do trabalho.

A segunda pesquisa que achamos pertinente citar no nosso estudo (REOLON, 2009) foi realizada em uma escola da cidade de Campinas-SP, tendo como título “*Histórias de Vida dos Alunos da EJA*”. A autora traz em seu texto a importância de coletar dados através de narrativas, afirmando que o fato de ouvir histórias de outros momentos contadas pelos próprios alunos é muito relevante porque são narrativas, muitas vezes, pouco ou nunca

exploradas, e ao mesmo tempo únicas, podendo ser de grande valia para o estudante da Educação de Jovens e Adultos conseguir se reconhecer como sujeito pertencente a uma história. No trabalho, a autora utiliza os constructos de Paulo Freire como embasamento teórico para a análise das narrativas.

A terceira pesquisa é intitulada *“Por entre trilhas... Lembranças de jovens e adultos e os sentidos atribuídos à escola”*, realizada por Fernandes (2013), através do Programa de Educação de Jovens e Adultos da Secretária de Educação do Rio de Janeiro. A pesquisa utilizou a Teoria das Representações Sociais e as memórias como abordagem teórica e para coleta de dados fez uso de questionários e os relatos orais dos alunos. Os resultados apontaram que as narrativas dos alunos carregam grande apelo subjetivo e reconhece que os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos possuem especificidades e necessitam de espaços e momentos que reconheçam estas particularidades para que sejam contemplados em sua totalidade.

A nossa pesquisa passa por alguns pontos que foram contemplados nos estudos citados acima, porém se destaca no sentido de que utilizamos exclusivamente a Entrevista Narrativa como instrumento de coleta de dados. Nosso estudo leva em consideração questões de sentimento dos alunos relacionadas à escola, além de suas lembranças, focando, como protagonista nos educandos, propondo levar visibilidade para essa modalidade de ensino da Educação Básica, em especial à desenvolvida na cidade de São João, localizada no agreste pernambucano.

Hoje, ao adentrarmos salas de aula da Educação de Jovens e Adultos, podemos, de antemão, dividir os alunos em dois grandes grupos: o primeiro seria formado pelos adultos e idosos que não tiveram a oportunidade de estudar no tempo certo, e o segundo grupo formando por jovens (bem jovens) que abandonaram os estudos precocemente ou que tiveram sucessivas reprovações e foram matriculados, por orientação da escola, na modalidade como uma alternativa para diminuir os índices de reprovação no ensino regular.

Dentro desses grupos existem pessoas com diferentes histórias de vida, evidenciando a heterogeneidade que permeia toda sala de aula. A volta à escola envolve diversos motivos e depende muito da idade, da situação econômica e/ou social ou até mesmo da autoestima do aluno. Esse último aspecto deve ser enfatizado, pois, acreditamos que um dos principais motivos que levam o aluno voltar a estudar é a busca pela realização pessoal.

Diante da necessidade que existe de melhorar o trabalho realizado com esses alunos, por parte dos professores e também das escolas, esta pesquisa tem a proposta de conhecer através de narrativas a bagagem histórica que os estudantes da Educação de Jovens e Adultos trazem

consigo em relação à instituição escolar. Acreditamos que muitos desses alunos, por motivos diversos, abandonaram os estudos muito cedo ou nem tiveram a oportunidade de ir à escola. Também acreditamos que o momento que retornam para sala de aula carrega desafios múltiplos, encontrando realidades que não se mostram muito atrativas, o que justificaria o grande índice de evasão escolar nessa modalidade de ensino.

Embora haja uma grande quantidade de pesquisadores que discutem a questão da evasão escolar e as diversas variáveis que envolvem este fenômeno, acreditamos que é necessário que nos debruçemos em pesquisas que nos levem a compreender não somente o motivo que levou o aluno a sair da escola, mas também que nos apontem maneiras de prevenção contra esse acontecimento.

Por isso, para nós, torna-se relevante conhecer a história de vida, com foco na trajetória escolar (relação com a instituição de ensino) desses estudantes, sabendo o que de melhor eles trazem para contribuir na aprendizagem e os empecilhos que podem fazer-lhes desistir de tudo outra vez. Precisamos mostrar o quanto estes alunos são importantes e necessários dentro do ambiente escolar, pelas contribuições que podem dar no andamento das atividades pedagógicas, pelas experiências que já vivenciaram e que podem servir aos demais alunos como momentos de reflexão sobre a sua própria vida, e acreditamos que uma forma de fazermos isso é lhes dar à visibilidade e o protagonismo que por muito tempo lhes foi negado.

Salientamos aqui a importância de fazer com que estes alunos tornem-se, de fato, protagonistas dentro da escola, ou seja, que eles possam ser ouvidos e que as narrativas que buscamos com essa pesquisa possam ajudar os profissionais da educação a compreender melhor seus alunos e refletir sobre suas práticas, além de trazer uma reflexão sobre a importância do curso de formação de professores para a Educação de Jovens e Adultos e de como esta modalidade vem sendo considerada dentro da universidade diante de tantos desafios encontrados: dedicação de pouco espaço no currículo para discussão da temática da educação voltada ao público da modalidade e os desafios que os pedagogos em formação têm diante de uma modalidade que passa a ser lócus de atuação docente do profissional.

Entendendo que os estudantes da Educação de Jovens e Adultos possuem suas especificidades, e reconhecendo a necessidade de conhecer os alunos que frequentam as salas de jovens, adultos e idosos procuramos responder, no decorrer desta pesquisa, a seguinte questão: Qual a relação que os alunos da Educação de Jovens e Adultos do município de São João/PE traçaram com a instituição escolar em suas trajetórias de vida? Para isto estabelecemos seguintes os objetivos a serem alcançados com o estudo:

OBJETIVO GERAL

- Analisar a relação do estudante de Educação de Jovens e Adultos do município de São João/PE com a instituição escolar em suas trajetórias de vida.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer por meio de narrativas de histórias de vida o percurso escolar dos alunos da EJA.
- Identificar quais foram principais dificuldades encontradas pelos alunos durante a sua vida escolar;
- Estabelecer relações entre essas dificuldades e os sentidos atribuídos por eles a escola.

Nosso trabalho se apresenta dividido em três capítulos. No primeiro, apresentamos as bases teóricas que o sustenta. Inicialmente, discutimos um breve histórico da educação oferecida ao público jovem e adulto que se encontrava fora do fluxo escolar. Nosso foco também recai sobre os aspectos legais que orientavam a oferta e a manutenção dos serviços oficiais ao público. Finalizamos o capítulo apresentando a produção, na área da Educação de Jovens e Adultos, desenvolvida no curso de Licenciatura em Pedagogia da UAG/UFRPE, entre os anos de 2009 e 2017.

No segundo capítulo, descrevemos nosso percurso metodológico, justificando nossas opções de pesquisa: a escolha do sistema de ensino, da escola e dos alunos, sujeitos de nossa pesquisa. Também informamos nossas opções metodológicas de coleta e análise dos dados. Em nosso capítulo final, nos ocupamos com a reflexão acerca dos dados coletados, com vistas a responder nossa problemática e alcançarmos nossos objetivos.

2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: PERCUSOS HISTÓRICOS E LEGAIS

Neste capítulo buscamos refletir acerca de como se configura a Educação de Jovens e Adultos na realidade brasileira. Na primeira seção fizemos um recorte histórico desta modalidade de ensino, abordando as concepções ideológicas que nortearam e deram início a uma preocupação com foco na alfabetização de adultos, dando destaque aos períodos específicos que tiveram ênfase durante a construção da história política nacional.

Na segunda seção apresentamos a Educação de Jovens e Adultos na legislação brasileira, trazendo o roteiro de alguns programas e ações voltadas para essa modalidade no período posterior à promulgação da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Federal nº 9.394, de 1996). Ressaltamos a importância da referida Lei para esta modalidade de ensino, trazendo um capítulo específico dedicado a ela. Tratamos, também, sobre políticas públicas educacionais destinadas especificamente a educandos atendidos pela Educação de Jovens e Adultos, como o Programa Nacional do Livro Didático e o Projovem, com suas respectivas modalidades. Também exploramos algumas metas do Plano Nacional de Educação que tratam da EJA e o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos.

Ainda neste capítulo, na terceira seção, realizamos um estudo sobre os Trabalhos de Conclusão de Curso desenvolvidos no curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns, no período de 2009 até 2017. Analisamos os resumos desses trabalhos no intuito de encontrarmos pesquisas que caminham paralelas à nossa linha de estudo e também para identificarmos se a Educação de Jovens e Adultos possui visibilidade dentro do curso de Licenciatura em Pedagogia, enquanto área de pesquisa.

2.1. Recorte do percurso histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil

Para entendermos melhor as dificuldades que enfrentaram, e enfrentam até os dias de hoje, os alunos que resolvem começar ou recomeçar seus estudos fora da faixa etária regular, iremos fazer um breve levantamento histórico dos principais acontecimentos que marcaram a trajetória da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Consideramos importante conhecer este percurso para não compreendermos os alunos dessa modalidade superficialmente. Precisamos entender que, para além de pessoas que não foram alfabetizadas ou conseguiram concluir seus

estudos no tempo regular, os discentes são pessoas com uma construção histórica significativa na sociedade.

Galvão e Soares (2006) discursam sobre a concepção dos alunos desta modalidade, que são vistos na sociedade como coitados, analfabetos. Para os autores, além de ter esse discurso reafirmado nas mídias, o analfabetismo é visto como uma escravidão e, por conseguinte, o analfabeto como alguém que precisa de alforria. Todos esses fatores geram uma baixa estima nos alunos que, mesmo vivendo com dignidade, sentem-se inferiores aos demais.

A educação oficial voltada para este público passou por várias fases até chegar a uma posição de maior consideração enquanto área de atuação oficial, estando presente desde a educação na perspectiva de catequização dos povos indígenas no período do Brasil Colônia. Como afirma Strelhow, (2010, p. 51) “A companhia Missionária de Jesus, tinha a função básica de catequisar (iniciação a fé) e alfabetizar na língua portuguesa os indígenas que viviam na colônia brasileira”; ou seja, percebe-se que as iniciativas voltadas para educação de adultos possuíam uma finalidade religiosa.

Posteriormente, sua oferta passou a ser desenvolvida através de iniciativas informais, ou seja, não eram vistas como responsabilidade apenas do Estado, estavam sempre sendo desenvolvida através de parcerias de outras entidades, principalmente como a Igreja Católica que esteve presente em vários momentos voltada à alfabetização de adultos. Sobre a ausência de maior responsabilidade do Estado sobre a oferta de ensino voltado à educação de adultos, Barbosa (2012) afirma,

No período da primeira república brasileira tem início as campanhas em torno da educação de adultos no Brasil. Contudo, as mesmas são caracterizadas por iniciativas de curta duração, sem continuidade, com tímida organização e sempre tentando auxílio e parceria das diversas instâncias da sociedade. (BARBOSA, 2012, p.50)

Ainda sobre este período, apesar da Constituição promulgada em 1934, inspirada no ideário defendido pelos Pioneiros da Educação Nova, com foco em uma escola de qualidade, gratuita e para todos, e do Plano Nacional de Educação de 1934 também tratar de questões sobre a escolarização de adultos, foi somente em 1940 que se firmou a ideia da necessidade de levar educação para esse grande grupo de pessoas excluídas da escola.

Strelhow, (2010, p. 52), salienta que o Plano Nacional de Educação de 1934 “previa o ensino primário integral obrigatório e gratuito estendido às pessoas adultas. Esse foi o

primeiro plano na história da educação brasileira que previa um tratamento específico para a educação de jovens e adultos”.

As décadas de 1940 e 1950 foram marcadas por iniciativas voltadas para educação de adultos, entre elas a criação do Fundo Nacional do Ensino Primário em 1942, o Serviço de Educação de Adultos e Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) em 1947, além da Campanha de Educação Rural em 1952 e a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA) em 1958. Para reafirmar a importância da criação destas campanhas Di Pierro e Haddad, discorrem que:

O movimento em favor da Educação de Adultos, que nasceu em 1947 com a coordenação do Serviço de Educação de Adultos e se estendeu até a década de 1950, denominou-se Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos-CEAA. Sua influência foi significativa principalmente por criar uma infraestrutura nos estados e municípios para atender a educação de jovens e adultos, posteriormente preservadas pelas administrações locais. (DI PIERRO e HADDAD, 2000, p. 11)

As intenções de políticas educacionais direcionadas à Educação de Jovens e Adultos remetem à ideia de que a educação de adultos estava lentamente saindo do campo da solidariedade e da filantropia e se tornando um dever do Estado e um direito das pessoas analfabetas. A educação passa a ser vista como um direito das pessoas que não tiveram oportunidade de estudar na idade própria.

O período anterior a ditadura militar foi bastante produtivo em relação à escolarização de jovens e adultos. No final da década de 1950 realizou-se, no Rio de Janeiro, o II Congresso Nacional de Educação de Adultos. Nessa época já estava começando a surgir uma preocupação com as especificidades dos alunos desta modalidade, pois, já não se admitia reproduzir as práticas utilizadas com as crianças do ensino fundamental regular,

“[...] marcava o congresso o início de um novo período na educação de adultos no Brasil, aquele que se caracterizou pela intensa busca de maior eficiência metodológica e por inovações importantes nesse terreno [...]”. (PAIVA, 1973, p. 210, citado por, DI PIERRO e HADDAD, 2000, p. 112)

Nesse momento iniciam-se, também, os movimentos sociais para alfabetização de jovens e adultos. Entre eles, os que tiveram mais visibilidade foram: o Movimento de Educação de Base (1961), o Movimento de Cultura Popular do Recife (1961), os Centros

Populares de Cultura, a Campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”, desenvolvida pela Secretaria Municipal de Educação de Natal. A grande liderança da Educação Popular nesse período foi o professor Paulo Freire, que influenciou algumas dessas campanhas. Beluzo e Toniosso destacam que:

Com a boa repercussão de sua proposta educacional, as ideias de Paulo Freire se expandiram por todo o país, e a partir de então, passou a ser reconhecido nacionalmente, tanto pela educação popular, quanto pela educação para adultos. O método de alfabetização utilizado por Paulo Freire, caracterizava-se por possuir uma perspectiva libertadora baseava-se principalmente nos conhecimentos prévios dos alunos, buscando compreender suas próprias experiências de vida, partindo do uso de “palavras geradoras”, fazendo com que o indivíduo adquirisse consciência crítica, podendo compreender e questionar sua própria realidade. (BELUZO e TONIOSSO, 2015, p. 198)

Essa repercussão deu a Paulo Freire, a convite do Governo Federal, em 1963, a incumbência de elaborar um Plano Nacional de Alfabetização de Adultos. Porém, esse plano foi extinto em 1964 com o golpe militar, juntamente com os movimentos sociais de alfabetização. Segundo Di Pierro e Haddad (2000):

O golpe militar de 1964 produziu uma ruptura política em função da qual os movimentos de educação e cultura populares foram reprimidos, seus dirigentes perseguidos, seus ideais censurados. O Programa Nacional de Alfabetização foi interrompido e desmantelado, seus dirigentes, presos e os materiais apreendidos. A Secretaria Municipal de Educação de Natal foi ocupada, os trabalhos da Campanha “De Pé no Chão” foram interrompidos e suas principais lideranças foram presas. A atuação do Movimento de Educação de Base da CNBB foi sendo tolhida não só pelos órgãos de repressão, mas também pela própria hierarquia católica, transformando-se na década de 1970 muito mais em um instrumento de evangelização do que propriamente de educação popular. As lideranças estudantis e os professores universitários que estiveram presentes nas diversas práticas foram cassados nos seus direitos políticos ou tolhidos no exercício de suas funções. (DI PIERRO e HADDAD, 2000, p. 113)

O período de ditadura foi um momento muito delicado no país. A repressão dominava diversos segmentos da sociedade, principalmente a educação e, novamente, a alfabetização de adultos seria deixada de lado com a proibição das propostas que Paulo Freire havia disseminado. Entretanto, nesse período foram criadas algumas ações que visavam à

alfabetização de adultos. Essas ações eram estritamente desenvolvidas para servir as intenções do regime militar.

Em 1965 foi criada no Recife a Cruzada Ação Básica Cristã (ABC), que tinha uma proposta contrária às que vinham sendo desenvolvidas no âmbito dos movimentos de educação popular. Di Pierro e Haddad (2000) discorrem a respeito desse programa:

Nascido no Recife, o programa ganhou caráter nacional, tentando ocupar os espaços deixados pelos movimentos de cultura popular. Dirigida por evangélicos norte-americanos, a Cruzada servia de maneira assistencialista aos interesses do regime militar tornando-se praticamente um programa semioficial. (DI PIERRO e HADDAD, 2000, p. 114)

Posteriormente, em 1969, com grande visibilidade e extensão, foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que buscava, basicamente, fazer com que pessoas analfabetas aprendessem a ler e escrever com fins a promoção da erradicação do analfabetismo. O Mobral foi um dos programas que mais teve visibilidade, tanto que é lembrado pela população até os dias de hoje. Segundo Di Pierro, Joia e Ribeiro, o Mobral foi:

[...] um programa de proporções nacionais, proclamadamente voltado a oferecer alfabetização a amplas parcelas dos adultos analfabetos nas mais variadas localidades do país [...] O Mobral instalou comissões municipais por todo o país, responsabilizando-as pela execução das atividades enquanto controlava rígida e centralizadamente a orientação, supervisão pedagógica e produção de materiais didáticos. Sendo concebido como ação que se extinguiria depois de resolvido o problema do analfabetismo [...]. (DI PIERRO, JOIA e RIBEIRO, 2001, p. 61)

O Mobral foi extinto em 1985, quando o momento político vivenciado no país já estava mais aberto; porém, percebe-se que esse movimento, apesar de mais duradouro que os demais programas, foi previsto como temporário e, para alcançar realmente as necessidades das pessoas adultas que se encontravam em situação de analfabetismo, seria necessário muito mais que propostas temporárias e vazias, e sim, projetos concretos e duradouros que dessem a estas pessoas a oportunidade da educação de fato, como um direito.

Em 1990 a fundação EDUCAR (que havia substituído o MOBRAL) permaneceu durante cinco anos com as mesmas características do extinto programa e, em seguida, também encerrou suas atividades. No ano seguinte, o Ministério da Educação criou o PNAC - Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania. “O PNAC tem como objetivo proclamado

de mobilizar a sociedade em prol da alfabetização de crianças, jovens e adultos por meio de comissões envolvendo órgãos governamentais e não governamentais” (DI PIERRO, JOIA, RIBEIRO, 2001, p. 66).

Entretanto, o PNAC também não foi duradouro e, durante o governo de Itamar Franco, que havia assumido a presidência após o impeachment de Fernando Collor de Melo, também foi abandonado.

Outro fato importante que deve ser comentado aqui foi a aprovação da Lei Federal nº 5.692, de 1971, que regulamentou a reforma dos Ensinos de Primeiro e Segundo Grau. A referida Lei, no seu capítulo IV, orientava o ensino supletivo, voltado exclusivamente para os jovens e adultos, de acordo com o texto do Artigo 25: *O ensino supletivo abrangerá, conforme as necessidades a atender, desde a iniciação no ensino de ler, escrever e contar e a formação profissional definida em lei específica até o estudo intensivo de disciplinas do ensino regular e a atualização de conhecimentos* (BRASIL, 1971).

Entretanto somente em 1988, com a aprovação da atual Constituição Federal, a educação de jovens e adultos passa a ser vista e discutida garantindo direitos de uma maneira mais abrangente. Em seu Artigo 208, a referida Lei orienta: *O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I—educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria [...]*.

Posteriormente, na atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei Federal nº 9.394 de 1996, conforme indicado no Artigo 37, é reforçado que: *A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria* (BRASIL, 1996), esclarecendo a questão do oferecimento da educação às pessoas que não estudaram na idade regular, como gratuita e dever do Estado. Entretanto, foi estipulada uma nova idade mínima para que os alunos participassem dos exames supletivos, sendo 15 anos para o Ensino Fundamental e 18 anos para o Ensino Médio.

Rememorar as ações e programas já ofertados ao público que retorna à escola para conclusão de seus estudos, nos mostra que esta educação carrega a muito tempo reflexo do desinteresse do Estado em sua oferta de qualidade e no compromisso em garantir aos jovens e adultos fora do fluxo escolar regular a conclusão de seus estudos em paralelo a um espaço que lhe respeite enquanto pessoa em desenvolvimento. Programas de curto prazo, iniciativas com objetivos práticos de alfabetização em contraponto a momentos de reflexão crítica acerca da condição de excluídos, apontam para uma modalidade desinteressante ao poder público.

2.2. A Educação de Jovens e Adultos na legislação brasileira atual

A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Federal nº 9.394/1996) apresenta em seu texto uma seção totalmente dedicada à modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos e se propõe caracterizar alguns aspectos específicos desse tipo de educação.

A legislação determina que os Sistemas de Ensino devem oferecer oportunidades educacionais aos educandos que considerem suas características específicas, condições de vida e trabalho, e reforça que a modalidade deve estar articulada com a educação profissional (BRASIL, 1996).

Mesmo com a garantia do direito à educação estabelecida por lei, percebe-se que a modalidade não conseguiu um avanço considerável em relação às outras etapas da Educação Básica. Embora a legislação garanta o acesso e a permanência na escola, é importante compreender como os estados e municípios irão conseguir realizar estas ações, como chama a atenção Machado (2016). Para o autor, *a aprovação desta lei não representava, exatamente, o conceito de EJA defendido por parte da sociedade civil, em que a escolarização estivesse pautada na aprendizagem e no conhecimento numa perspectiva emancipatória dos trabalhadores...* (MACHADO, 2016, p. 442). Ainda sobre as contribuições da LDB à Educação de Jovens e Adultos, Rogerro (2013), citado por Dias e Barra Nova (2015), discorre que:

A Educação de Jovens e Adultos tem sido uma das temáticas em educação com menor avanço efetivo ao longo da história do sistema educacional brasileiro. Ao público menos favorecido socioeconomicamente, tem restado reconhecimento do menor favorecimento, mas não têm sido direcionadas políticas capazes de superar o problema do acesso, permanência e conclusão de uma parcela ainda significativa da população brasileira (p. 25).

Nos anos seguintes à efetivação da LDB, foram criados Programas na intenção de impulsionar a Educação de Jovens e Adultos. O Projovem foi um deles. Criado em 2007, se apresentou como um novo programa para a juventude que visava ampliar o atendimento aos jovens excluídos da escola e da formação profissional.

O Projovem foi criado a partir da integração de seis programas já existentes - Agente Jovem, Saberes da Terra, ProJovem, Consórcio Social da Juventude, Juventude Cidadã e Escola de Fábrica. Na época, esses programas atendiam a 467 mil jovens¹, a criação do

¹ http://www.secretariadegoverno.gov.br/noticias/2007/09/not02_05092007/#acontent

Programa, através da unificação, visava ofertar vagas para atender a 4,2 milhões de jovens até 2010.

Com gestão compartilhada entre a Secretaria Geral da Presidência da República e os ministérios do Trabalho e Emprego, da Educação, e do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, o Projovem tem como meta assegurar: o retorno ou permanência dos jovens na escola; elevação de escolaridade e cursos de formação profissional. Para garantir a adesão do público alvo e estimular a permanência dos alunos, a ação oferecia auxílio financeiro aos alunos através de uma bolsa de estudos.

Existente até hoje, destinado aos jovens de 18 a 29 anos que sabem ler, mas que ainda não tenham concluído o Ensino Fundamental, o Projovem alcançou um público relevante em seus primeiros anos, o que impulsionou sua expansão e estimulou a criação de modalidades do Programa, como o *Projovem Trabalhador*, com o intuito de prepará-los para o mercado de trabalho e conclusão do Ensino Fundamental; o *Projovem Campo* destinado ao mesmo público, mas residentes do campo, que trabalham na agricultura familiar; o *Projovem Urbano* e, com vistas ao alcance de alunos mais jovens, criou-se o *Projovem Adolescente*, para jovens de 15 a 17 anos que vivam em situação de risco social. O curso tinha duração de dezoito meses e exigia dos alunos o cumprimento de 75 % de frequência às aulas, a entrega de 75% dos trabalhos escolares e ser aprovado no Exame Nacional Para Certificação de Competências de Jovens e Adultos.

O público analfabeto não foi esquecido nas políticas atuais. Em 2003 foi criado o Programa Brasil Alfabetizado, por meio do Decreto nº 4.834 de 08 de setembro de 2003 e seus objetivos principais seriam:

- a) criar oportunidade de alfabetização a todos os jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso ou permanência no ensino fundamental; b) promover com qualidade o acesso à educação de jovens, adultos e idosos e sua continuidade no processo educativo; c) mobilizar gestores estaduais e municipais para ampliar a oferta de Educação de Jovens e Adultos – EJA;
- d) qualificar a oferta de alfabetização para jovens, adultos e idosos por meio da implementação de políticas de formação, de distribuição de materiais didáticos e literários, de incentivo à leitura e de financiamento. (BRASIL, 2011, p. 8).

Em 2007 este programa foi reorganizado por meio do Decreto n. 6.093\2007, onde ficaram estabelecidos objetivos e diretrizes, como universalização da alfabetização dos jovens e adultos de 15 anos ou mais e que os municípios com maior índice de analfabetismo teriam prioridade na adesão ao Programa.

Com o intuito de diminuir a evasão dos alunos da modalidade, bem como garantir, via escolarização, a inserção dos alunos e, principalmente, dos concluintes da modalidade, no mercado de trabalho, criou-se, a partir do Decreto 5.840/2006 o Programa Nacional da Integração Profissional à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), garantindo a oferta de cursos e formação profissional no Ensino Médio e Técnico. De fato, para o Governo Federal, a vinculação da Educação de Jovens e Adultos à educação profissional seria a saída para o problema da evasão. Apesar do PROEJA, grande parte das ações e políticas públicas ofertadas ao público da Educação de Jovens e Adultos focam na profissionalização dos seus alunos.

Com relação às conquistas didáticas voltadas à modalidade, no ano de 2009, por meio da Resolução nº 51/2009, foi lançado o Programa Nacional do Livro Didático para EJA, com o objetivo de “disponibilizar livros didáticos aos alfabetizando e estudantes jovens, adultos e idosos das entidades parceiras do Programa Brasil Alfabetizado, das escolas públicas com turmas de alfabetização e de ensino fundamental e médio na modalidade EJA” (BRASIL, 2009).

Consideramos esta política como um exemplo de conquista para a modalidade, uma vez que antes desta Resolução os alunos não contavam com este material pedagógico e, quando possuíam, eram exemplares elaborados para as crianças matriculadas no Ensino Fundamental regular. Em nossa análise, a existência de livros didáticos voltados ao público adulto, contribui como mais um material pedagógico com potencial de explorar temas da vida adulta dentro da sala de aula.

Apesar de tantas alternativas que foram apontadas no campo da Educação de Jovens e Adultos, ainda existe, nos documentos oficiais, a característica emergencial com que é tratada a modalidade. Este sintoma é perceptível ao analisarmos como o Plano Nacional de Educação (2014-2024) trata das questões voltadas à EJA:

Meta 9: elevar a taxa de alfabetização da população com 15 (quinze) anos ou mais para 93,5% (noventa e três inteiros e cinco décimos por cento) até 2015 e, até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% (cinquenta por cento) a taxa de analfabetismo funcional.

Meta 10: oferecer, no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional. (BRASIL, 2014).

Podemos dizer que essas metas são direcionadas especificamente aos estudantes que tiveram sua trajetória escolar interrompida, ou nunca iniciada e para alcançá-las são propostas

algumas estratégias como a garantia da educação gratuita a jovens e adultos, inclusive às pessoas privadas de liberdade, e também proporcionar a educação integrada à formação profissional. Infelizmente, acreditamos que a erradicação do analfabetismo é uma conquista que ainda está distante de acontecer, sabemos que conseguimos algumas conquistas, principalmente de natureza legal, porém, as ações e práticas ainda são poucas quando pensadas na dimensão que a educação negligenciada e negada no passado tomou.

Também consideramos relevante apresentar neste trabalho mais um instrumento atualmente utilizado na Educação de Jovens e Adultos: o Exame Nacional Para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja). Criado em 2002 é *apresentado como um instrumento de avaliação para aferição de competências e habilidades a nível fundamental e médio* (BRASIL, 2002). O Encceja divide opiniões quando diz respeito a sua eficácia e iremos fazer algumas observações a seu respeito.

A primeira observação é que, ao realizar um exame como esse, que acontece apenas uma vez no ano, os interessados não precisariam se matricular em uma escola e/ou cursar a modalidade de ensino, bastaria apenas a inscrição e a aprovação no exame para receber seus certificados. Partilhamos do sentimento dos que defendem que a escola não é apenas um ambiente para obter uma certificação, mas, também um lugar de socialização, de conhecimento e de troca de experiências, tornando-se indispensável na vivência dos educandos da EJA.

Outro fator que necessita ser ponderado em relação ao Encceja é a consideração às especificidades dos educandos. Uma vez que o exame é realizado a nível nacional, o teste desconsidera as peculiaridades locais e tem caráter comum para todas as regiões, sendo insensível às vivências de pessoas e de culturas diferenciadas. O terceiro ponto que ponderamos em relação ao exame é a sua negativa com relação à compreensão da avaliação enquanto processo (LUCKESI, 2008).

Ao nos debruçar sobre as atuais políticas desenvolvidas para a Educação de Jovens e Adultos, percebemos o interesse dos poderes públicos em diminuir os índices de analfabetismo no país. A criação de programas, com benefícios de bolsas de estudos, é um exemplo de ação com foco em manter o estudante vinculado ao programa até a certificação do mesmo. Outro caminho que vem crescendo frente às políticas públicas educacionais voltadas ao público da EJA é a vinculação direta da escolarização oferecida à perspectiva profissionalizante. Esta característica vem mostrando resultado e, também, sendo reconhecida enquanto uma maneira de combate à evasão, tão comum nesta modalidade de ensino.

Uma crítica que fazemos a todos os programas acima descritos é a necessidade de maiores investimentos nas condições de trabalho docente na modalidade. Os professores que assumem as salas de EJA costumam acumular outros turnos de atuação nos horários matutinos e vespertinos. Muitos são professores em final de carreira, necessitando de horas para cumprir os períodos restantes para a aposentadoria.

Cabe maiores investimentos na construção da carreira voltada à docência do público jovem e adulto. Vale salientar a necessidade de maiores investimentos, também, para a melhoria das instalações oferecidas a estas turmas, que costumam contar apenas com as salas de aula das escolas; negando-lhes acesso a outros ambientes pedagógicos, como a biblioteca e os laboratórios de ensino.

2.3 A Educação de Jovens e Adultos no curso de Licenciatura em Pedagogia da UAG/UFRPE - 2009 a 2017.

Nossa pesquisa propõe dar voz aos estudantes da Educação de Jovens e Adultos, pessoas que por muito tempo foram silenciadas, caladas e excluídas dos meios sociais e políticos. Acreditamos que através de seus relatos podemos conhecer quem são os alunos desta modalidade e pensar em propostas e soluções o progresso da oferta educacional. Abdalla (2004), citada por Dias e Barra Nova (2015), reforça esse pensamento quando afirma que:

É necessário aprender a ouvi-los se tivermos a intenção de promover projetos e políticas que respondam às suas necessidades. Isto significa não inferiorizar os jovens e adultos que procuram à escola em busca do direito, que outrora, lhe foi negado, mas, oferecer uma modalidade de ensino voltada para um público específico. (p. 25)

Pensando na importância de conhecer o foco em que se debruçam os estudos que trabalharam com a Educação de Jovens e Adultos, realizamos um levantamento local, a fim de conhecer como vem sendo pesquisada a modalidade no curso de Licenciatura em Pedagogia da Unidade Acadêmica de Garanhuns, na Universidade Federal Rural de Pernambuco – UAG/UFRPE. Nosso recorte considerou o período de 2009 a 2017. Selecionamos as monografias que apresentavam em seu título a expressão Educação de Jovens e Adultos. Nossa análise recaiu sobre os resumos dos trabalhos. Ao todo, foram encontradas 22 monografias inseridas nessa temática, entretanto, apenas uma (01) delas

(DIAS e BARRA NOVA, 2015) se aproxima da proposta que tentamos desenvolver na nossa pesquisa, enfatizando a importância de abrir espaço para escuta dos educandos.

Para melhor conhecer como e quem vem estudando essa temática no nosso curso, apresentamos uma linha do tempo das monografias analisadas e um breve comentário sobre as mesmas.

No ano inicial de nosso levantamento localizamos duas pesquisas, Silva e Souza Junior (2009) que pesquisaram sobre a questão da evasão escolar. Correa e Souza Junior (2009), discutiram a questão do conhecimento dos professores da EJA em relação à promoção dos programas de saúde. No ano seguinte, localizamos apenas a pesquisa realizada por Silva e Gomes (2010), que exploraram a construção de um currículo específico para a EJA que considerasse as necessidades dos educandos.

Quatro estudos foram desenvolvidos em 2011: Costa e Bastos (2011) que pesquisaram as possibilidades de trabalhar com jogos matemáticos na EJA; Silva e Gomes (2011b), que buscaram compreender as práticas pedagógicas de uma professora da EJA em relação às especificidades dos alunos; Marques e Gomes (2011) que pesquisaram a prática de uma professora sob a perspectiva da transição da alfabetização tradicional ao letramento; e Silva e Gomes (2011a) que realizaram um levantamento sobre as contribuições do curso de Licenciatura em Pedagogia para a prática na EJA com alunos egressos da UAG / UFRPE.

No ano de 2012 apenas um estudo foi realizado no campo da EJA. Oliveira e Silva (2012), abriram um debate sobre o PROJOVEM e a inclusão dos jovens no âmbito social. No ano seguinte, Silva e Mattos (2013), pesquisaram sobre a importância da Educação Ambiental na EJA, especificamente nas turmas do Programa Paulo Freire; Delgado e Bastos (2013), se dedicaram a estudar o desenvolvimento de habilidades sociais em turmas da EJA; Souza e Vasconcelos (2013), trouxeram a questão da inclusão dos alunos com deficiência na EJA, e Nunes e Bastos (2013), pesquisaram sobre os conteúdos de adição e subtração na EJA, baseando-se na Teoria dos Campos Conceituais e nas premissas da Andragogia.

Quatro pesquisas foram realizadas em 2014. Começamos por Silva e Eugênio (2014), pesquisando as relações do ensino da Etnomatemática na EJA. No mesmo ano, localizamos o estudo de Couto e Eugênio (2014), que discutiram sobre a utilização de jogos no ensino das estruturas aditivas na EJA; Silva e Vasconcelos (2014), que falaram sobre a evasão escolar, e Ferro e Bastos (2014), que pesquisaram o tratamento de informação na EJA a partir da construção e interpretação de gráficos.

Em 2015 três pesquisas foram produzidas: Lima e Silva (2015), falaram sobre as concepções dos educandos da EJA em relação aos jogos de alfabetização na sala de aula,

Ramalho e Ogliari (2015), trataram da consciência fonológica e compreensão do princípio alfabético em alunos da EJA, e Dias e Barra Nova (2015), exploraram como os alunos da EJA, a partir da Teoria das Representações Sociais, representavam a escola.

Encontramos duas pesquisas em 2016. A primeira trata sobre as práticas de letramento dos alunos da EJA fora da escola (SILVA e LIMA, 2016), e a segunda que trata da evasão escolar e a relação professor e aluno (MELO e OLIVEIRA, 2017). E, por fim, no ano de 2017, apenas uma pesquisa envolvida com a temática de Educação de Jovens e Adultos foi encontrada e propõe fazer uma análise do livro didático do Programa Paulo Freire (SILVA e OLIVEIRA, 2017).

Ao agruparmos os trabalhos por temáticas percebemos que a predominância recai sobre os estudos que abordam o ensino da matemática na Educação de Jovens e Adultos, com foco em conteúdos matemáticos específicos. Nesta temática encontramos cinco estudos (COSTA e BASTOS, 2011; NUNES e BASTOS, 2013; SILVA e EUGÊNIO, 2014; COUTO e EUGÊNIO, 2014; e FERRO e BASTOS, 2014). Também se destacam os trabalhos que visam estudar a prática pedagógica dos professores que atuam na modalidade, nesta categoria agrupamos quatro monografias (SILVA e GOMES, 2011; MARQUES e GOMES, 2011; SILVA e GOMES, 2011a; SILVA e OLIVEIRA, 2017).

Há ainda um grupo com três trabalhos voltados às práticas de alfabetização e/ou letramento (LIMA e SILVA, 2015; RAMALHO e OGLIARI, 2015; SILVA e LIMA, 2016) e outro grupo com outras três monografias que focam no estudo da evasão escolar entre os alunos da Educação de Jovens e Adultos (SILVA e SOUZA JÚNIOR, 2009; SILVA e VASCONCELOS, 2014; MELO e OLIVEIRA, 2017). Também houveram estudos que se procuraram estudar a relação da modalidade frente a programas assistencialistas da saúde e da educação (CORREA e SOUZA JUNIOR, 2009; OLIVEIRA e SILVA, 2012; SILVA e MATTOS, 2013).

Ao final do estudo das monografias, percebeu-se que ainda são escassas as iniciativas dos discentes em pesquisar sobre Educação de Jovens e Adultos, principalmente quando comparado ao quantitativo de pesquisas em outras áreas como Educação Infantil ou Alfabetização, ainda estamos andando a passos lentos. Entretanto, reconhecemos que as pesquisas que apontamos tratam de temas relevantes para compreendermos melhor o processo escolar nessa modalidade. É neste caminho que nosso estudo propõe contribuir, sobretudo considerando que não são muitos os estudos que procuram conhecer e ouvir os educandos da EJA, oportunizando que eles tenham o protagonismo que lhes é de direito.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo apresentamos os instrumentos metodológicos com os quais desenhamos os resultados do nosso estudo. Dividimos esse capítulo em quatro seções. Na primeira falaremos sobre o tipo de pesquisa utilizado e na segunda sobre os instrumentos de coleta de dados. A terceira apresenta o local que foi realizada a pesquisa e os cenários em que ocorreu todo o seu desfecho. Na quarta seção apresentamos os sujeitos participantes do estudo.

3.1 Tipo de pesquisa

Para alcançarmos nossos objetivos realizamos uma pesquisa de campo, qualitativa, do tipo etnográfica. Severino (2007) retrata a pesquisa etnográfica como uma maneira de mergulhar em um ambiente microssocial, buscando compreender os processos do dia a dia em suas diferentes modalidades. Ainda sobre a pesquisa do tipo etnográfica, André (1995) discorre:

A pesquisa etnográfica se preocupa com os significados, com a maneira própria com que as pessoas veem a si mesmas, as suas experiências e o mundo que as cercam. O pesquisador deve tentar apreender e retratar essa visão pessoal dos participantes. [...] envolve um trabalho de campo. O pesquisador aproxima-se de pessoas, situações, locais, eventos, mantendo com eles um contato direto e prolongado. (p.25)

Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. Freitas e Prodanov (2013, p. 69) discursam sobre a pesquisa qualitativa: “O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador”. Assim, buscamos conhecer as trajetórias de vida dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, partindo de suas histórias, assumindo as narrativas como forma de coleta de dados.

3.2 A pesquisa através de Narrativas Oraís de Histórias de Vida

A nossa pesquisa se debruça sobre as histórias de vida dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos em relação à escola. Buscamos suporte nas teorias das Histórias Oraís, mais precisamente nas Histórias Oraís de Vida. As Histórias Oraís (HO) são utilizadas em diferentes tipos de pesquisa. Através delas, o pesquisador pode obter informações de grande importância social e cultural dos grupos participantes do estudo.

Ao possibilitar novas versões, a HO vem propiciar uma reconstrução da história, e sua utilização rompe barreiras com o mundo exterior. Possibilita ao pesquisador contatos com diferentes histórias e memórias, as quais se constituíram no desenvolvimento do indivíduo, tanto pessoal como profissional, como também permite ao pesquisado o estabelecimento de um diálogo interior, tomando consciência sobre sua existência compreendendo, assim, sua trajetória de vida. (VASCONCELOS, 2018, p. 97)

No Brasil, a criação da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), em 29 de abril de 1994, foi de grande importância para a utilização desse método, proporcionando reconstruções de histórias de vida. Meihy (2011, p. 117), citada por Vasconcelos (2018, p. 99) afirma que “história oral consiste em gravações premeditadas de narrativas pessoais, feitas diretamente de pessoa a pessoa, em fitas ou vídeo, tudo prescrito por um projeto que detalhe os procedimentos”. Segundo Meihy (2014) citada por Vasconcelos (2018), existem quatro gêneros de História Oral: de Vida, Temática, Testemunhal e de Tradição Oral.

No nosso estudo utilizaremos a História Oral de Vida, pois, em nosso modo de ver, é o método mais adequado para compreendermos as trajetórias de vida dos educandos da Educação de Jovens e Adultos. Neste gênero de narrativa o sujeito fala livremente sobre suas trajetórias, cabendo ao narrador dissertar sobre suas experiências pessoais e profissionais.

Nesse caso, deve ser dado o mesmo espaço para que sua história seja encadeada segundo sua vontade. A experiência deve, desde logo, ser o alvo principal das histórias orais de vida, pois não se busca a verdade e sim a versão sobre a moral existencial. A verdade estará na versão dada pelo narrador, que é autônomo para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas. (VASCONCELOS, 2018, p. 98)

As vivências individuais e coletivas das pessoas fazem parte de uma construção que ocorre ao longo da vida. “As lembranças guardadas em nossa memória vão construindo nossa história, nos tornando singulares pela experiência e, mesmo que vivamos as mesmas situações de outras pessoas sempre haverá diferenças na percepção” (OLIVEIRA, 2013, p. 14). Desta forma, quando um sujeito narra suas histórias está construindo e reconstruindo suas próprias memórias.

Na narrativa oral, quando o narrador é entrevistado e se sente obrigado a contar o que os outros querem que ele conte, normalmente ele recorre ao esquecimento: “Não me recordo”, é sua resposta à pergunta do entrevistador. Ao narrador oral não interessa convencer seu ouvinte como deve fazer um orador. A esse narrador interessa que adentremos em sua história, fazer com que seus ouvintes vivam o que os personagens de seu relato viveram (VERGARA, 2004, p. 33, citado por, PERAZZO, 2015, p. 126).

Quando pensamos em narrativas de histórias de vida, compreendemos que teremos acesso a conteúdos subjetivos que a pessoa que está narrando atribui aos fatos. Sabemos, também, que não é fácil para alguém relatar sobre sua própria vida, porque isso inclui as conquistas, mas, concomitante, as frustrações que ocorreram ao decorrer dos anos. Entretanto, esse também é o encanto de ouvir as histórias e memórias diretamente das pessoas envolvidas nas trajetórias contadas, pois o sentimento, seja ele qual for, vai estar presente nas suas falas. Acreditamos que diante dos nossos sujeitos e do nosso objeto, este tipo de pesquisa trará contribuições para explorarmos o viés subjetivo em relação ao estudante da Educação de Jovens e Adultos e a escola.

3.3 Instrumentos de coleta de dados

A escolha dos instrumentos que serão utilizados também é significativa para as pesquisas. De início, pensamos em utilizar observação e entrevista, entretanto, percebemos que a entrevista, sendo ela estruturada ou semiestruturada, não contemplaria os nossos objetivos. A ideia seria uma forma de coleta onde os sujeitos se sentissem livres para se expressarem e realizarem uma narrativa de suas vidas, sem uma interferência recorrente da pesquisadora (a interferência aconteceria somente com o intuito de retomar o assunto narrado

ou para realizar alguma pergunta que serviria como um gatilho para ativar lembranças na memória do narrador).

A observação permaneceu como instrumento a ser utilizado, visto que, através deste método, é possível uma aproximação inicial com os sujeitos da pesquisa e da realidade vivenciada por eles. André e Ludke, (2012) afirmam que “a observação direta permite também que o observador chegue mais perto da ‘perspectiva dos sujeitos’ um importante alvo nas abordagens qualitativas (p. 26)”. Esse instrumento nos auxiliou também em conhecer o cenário da pesquisa, conhecer os sujeitos e poder criar um vínculo que, posteriormente, foi essencial para o desenvolvimento das narrativas.

Além das observações, que foram muito importantes para selecionar os sujeitos da pesquisa, optamos por realizar Entrevistas Narrativas. Esse tipo de entrevista se encaixa perfeitamente na perspectiva das Narrativas Oraís de Histórias de Vida.

A Entrevista Narrativa caracteriza-se por não acontecer através de um esquema de perguntas e respostas, ela “tem em vista uma situação que encoraje e estimule o entrevistado a contar a história sobre algum acontecimento importante da sua vida e do contexto social” (BAUER e JOVCHELOVITCH, 2014, p. 93). A interferência do entrevistador deve ser mínima para que o entrevistado sinta-se a vontade e possa discorrer sobre suas lembranças.

O fato de trabalharmos com narrativas e partirmos da ideia de os narradores são autônomos e livres para se expressar, contando suas histórias, não quer dizer que não haja um planejamento prévio para realizar a coleta. Para os autores, (BAUER e JOVCHELOVITCH, 2014) a **preparação da entrevista** também inclui o processo de familiarização do pesquisador com os sujeitos, a aproximação e até uma conversa prévia sobre os fatos que serão narrados. Na **iniciação** é importante que o pesquisador peça permissão para realizar as gravações, explicar ao entrevistado as etapas da entrevista e lançar o tópico inicial, que deve ser de acordo com o que o pesquisador quer ouvir. A **narração central** é o momento em que o pesquisador irá apenas ouvir, podendo realizar intervenções não verbais, como gestos, que indiquem a compreensão ou não da narrativa.

Quando a narrativa chegar ao final, naturalmente, sem interrupções, chega a etapa de questionamentos, onde o entrevistador pode retomar momentos da narrativa que não ficaram muito claros, ou se o entrevistado não contemplou todos os pontos que estavam nas perguntas norteadoras. Como nos esclarece Vasconcelos,

A entrevista é uma situação de diálogo em que deve haver alguns cuidados importantes, como o de o pesquisador não contestar ou contra-argumentar

com o seu colaborador. Pelo contrário, é papel do entrevistador estimular a sua fala, a sua narrativa, para isso ele tem que saber ouvir e falar na hora certa. (VASCONCELOS, 2018, p. 106)

A fase da **fala conclusiva** também é muito importante, porque no momento em que o pesquisador para de gravar, o narrador está menos nervoso e apreensivo e pode relatar acontecimentos que não falou anteriormente, que são cruciais para o entendimento das narrativas. Produzimos um quadro para a realização da nossa entrevista, baseada nas ideias de Bauer e Jovchelovitch (2014).

QUADRO 1: ETAPAS DA PESQUISA

ETAPAS	O QUE FOI EXPLORADO EM CADA ETAPA
1º	Preparação da entrevista: preparamos um Roteiro de perguntas para nortear a entrevista (APÊNDICE A), com o objetivo de estimular lembranças e contribuir com as narrativas.
2º	Iniciação: durante as entrevistas lançávamos um tópico inicial para que o entrevistado rememorasse e iniciasse a narrativa.
3º	Narração central: o entrevistado narra sem interrupções
4º	Fase de perguntas: interferíamos com a intenção de retomar o tema que estava sendo tratado; caso o entrevistado saísse um pouco da temática, ou no caso de perguntas indagadoras como “o que aconteceu antes?”, “como assim?”, “fale um pouco mais sobre isso”, fazendo com que o entrevistado explorasse mais a narrativa.
5º	Fala conclusiva: para finalizar o entrevistado fazia um momento de reflexão sobre tudo que foi dito. Esse momento foi muito proveitoso e trouxe informações importantes para o relato.

Fonte: Pesquisadoras, 2018.

3.4 Cenários da pesquisa

O estudo foi realizado na Escola Municipal Emídio Correia de Oliveira, na cidade de São João, agreste pernambucano, em uma turma que atende a 1ª e 2ª fase da Educação de Jovens e Adultos. No município de São João apenas duas escolas atendem ao público desta modalidade de ensino, porém as fases iniciais funcionam somente na Escola Emídio Correia de Oliveira, e este foi um dos critérios de escolha da instituição como campo para a pesquisa.

Na segunda escola funcionam apenas turmas de 3ª e 4ª fases. Os alunos que frequentam estas escolas residem na zona rural e urbana do município.

A escola em que realizamos a pesquisa foi fundada em 1980 e está localizada no bairro do Planalto, zona periférica da cidade. Funciona nos três turnos, ofertando os anos finais do Ensino Fundamental pela manhã e tarde, e a Educação de Jovens e Adultos no turno da noite. A escola oferta matrícula na EJA há 12 anos e são divididas em 1ª, 2ª, 3ª e 4ª fases. As duas fases iniciais funcionam em uma única classe, com a mesma professora. De acordo com o gestor da instituição, os professores da Educação de Jovens e Adultos realizam um planejamento coletivo, com atividades pertinentes à todas as turmas, e um planejamento individual contemplando as especificidades de cada turma.

A professora da turma que participou do nosso estudo é formada em Letras, pela Universidade de Pernambuco (UPE). Ela exerce a profissão há 28 anos e ensina em uma escola estadual nos turnos da manhã e da tarde e na Educação de Jovens e Adultos à noite. Ela relatou que essa “jornada de trabalho tripla” é muito cansativa, embora seja necessário sensibilidade para trabalhar nesta modalidade de ensino, considerando todas as pequenas conquistas dos alunos, bem como seus conhecimentos de vida.

O primeiro contato com a escola foi feito no dia 27 de setembro de 2018, no turno da noite, quando fizemos a apresentação da nossa proposta de pesquisa e entregamos a Carta de Apresentação ao gestor da instituição. No mesmo dia ele nos apresentou o prédio e os funcionários da escola e ficou definida a data que iniciariamos a pesquisa.

Destinamos sete dias para observação, entre os dias 05 e 20 de novembro. Enfatizamos que os momentos de observação, não necessariamente eram apenas para observações, mas, sim, momentos de aproximação dos sujeitos, adaptação da pesquisadora em sala, reconhecimento dos alunos, apresentação da pesquisa aos mesmos e criação de vínculo e familiaridade com a turma. Estes momentos também serviram para observar a prática da professora, pois, mesmo sem a pretensão de análise da prática docente, foi importante observar a atuação da docente, para melhor compreensão do lugar, do ambiente em que aqueles alunos estavam inseridos e sua relação com a escola e os sujeitos que a frequentam.

3.5 Sujeitos da pesquisa

A sala de aula em que foi realizada a pesquisa é ampla. As paredes possuíam a exposição de alguns trabalhos de ciências e da temática Setembro Amarelo (de combate ao suicídio), desenvolvidos pelas turmas do Ensino Fundamental da manhã e da tarde. Não havia

trabalhos dos alunos da Educação de Jovens e Adultos expostos. Mesmo contando com dois ventiladores, a sala é abafada. As carteiras são adequadas para o tamanho do alunado que frequenta a instituição nos três turnos. O início das aulas é às 18:40 e o término às 21:50, porém os alunos sempre chegavam com um certo atraso.

A classe é composta por duas turmas: a de 1ª fase, conta com quinze alunos matriculados, porém apenas seis estavam frequentando; na turma de 2ª fase, estavam matriculados vinte e quatro alunos, mas somente oito frequentavam as aulas, somando um total de quatorze estudantes em média, por aula.

Nos dias de observação, a frequência dos alunos era geralmente entre cinco e oito estudantes por noite. Apenas uma vez estavam presentes doze alunos. Muitas alunas da escola tinham filhos, e isso era um problema para a assiduidade, porque não tinham com quem deixá-los para frequentar a aula. Algumas levavam os filhos para a sala e estes lá ficavam toda a noite. Diante desse cenário, a escola levou essa pauta para discussão na Câmara dos Vereadores da cidade e uma vereadora propôs a contratação de uma funcionária que ficasse com as crianças enquanto as mães estavam em aula.

Durante o nosso período de observação, esta funcionária mostrava-se presente e acompanhava, no pátio da escola, as crianças trazidas pelas alunas. A média era entre três e quatro crianças por noite, que tinham entre quatro e seis anos. Embora a escola não tenha um local específico para as crianças, como uma brinquedoteca ou recreação, consideramos a iniciativa válida, como as próprias alunas gostavam de frisar.

Dentre os quatorze alunos que costumavam frequentar as aulas durante nossa coleta, conseguimos realizar as entrevistas apenas com dez. As entrevistas foram realizadas durante quatro dias, entre os dias 20 e 28 de novembro.

Para conhecermos melhor os alunos da turma, criamos um quadro com os seus perfis, lembrando que os nomes que utilizamos na pesquisa são nomes fictícios, visando à preservação da identidade dos estudantes, como propomos no Termo Livre e Esclarecido apresentado aos alunos (APÊNDICE B).

QUADRO 2: Sujeitos da pesquisa

Nome	Idade	Sexo	Turma	Moradia	Ocupação
Dona Jura	61	Feminino	1ª fase	Zona urbana	Aposentada
Juciene	54	Feminino	2ª fase	Zona urbana	Dona de Casa
Rosa	41	Feminino	2ª fase	Zona Rural	Agricultora
Edite	40	Feminino	1ª fase	Zona Rural	Agricultora
Josy	35	Feminino	2ª fase	Zona urbana	Dona de casa
Jucicleide	32	Feminino	1ª fase	Zona urbana	Dona de casa
Bianca	29	Feminino	1ª fase	Zona urbana	Dona de casa
Junior	17	Masculino	2ª fase	Zona urbana	Estudante
José	37	Masculino	1ª fase	Zona urbana	Agricultor
Gilson	20	Masculino	1ª fase	Zona urbana	Estudante

Fonte: Pesquisadoras, 2018.

Nos primeiros dias de observação os alunos estavam muito envergonhados. A presença de alguém estranho na sala os incomodava muito. As aulas observadas geralmente eram de Português e Matemática. Como já estava no final do ano, a professora falou que estava fazendo muita revisão dos assuntos vistos durante o período letivo. Nos dias de observação, também pudemos observar o Diário de Classe. A professora relatou um pouco sobre a turma e sobre os alunos que já haviam desistido. Ela também conversou sobre a experiência de ensinar turmas de jovens e adultos.

Pelo Diário de Classe notamos que esta turma iniciou o ano com trinta e nove alunos, sendo vinte e duas mulheres e dezessete homens. De acordo com a professora, as desistências ocorrem durante todo o ano, inclusive, tiveram alunos que quando começaram a ler algumas palavras pararam de frequentar, porque acharam que não precisavam mais da escola. A professora ainda afirmou que os alunos mais velhos tendem a desistir quando chegam na 3ª e 4ª fases, pois não conseguem acompanhar o andamento do restante da turma.

A turma era heterogênea, com alunos de diversas idades e perfis, como por exemplo, alunos com deficiência, alunos acompanhados pela justiça, camponeses, entre outros, como costumam ser as turmas da modalidade: “A heterogeneidade é uma marca da EJA. Ela atende os excluídos dos excluídos: indígenas, quilombolas, população do campo, ciganos, pessoas

em situação de privação de liberdade, população em situação de rua...” (CARNOY e GADOTTI, 2018, p. 140).

Prezando pelas questões, éticas entregamos aos alunos uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, fazendo a leitura do termo na presença dos educandos e indagando se havia alguma dúvida sobre a pesquisa. Essas questões são de extrema importância, tanto para preservar a identidade dos sujeitos quanto para assegurar a realização do estudo e a utilização dos dados. Flick (2013), fala sobre os princípios da ética na pesquisa:

Em geral, esses princípios têm por objetivo garantir que os pesquisadores sejam capazes de tornar seus procedimentos transparentes (necessidade, objetivos, métodos de estudo), que possam evitar ou eliminar qualquer dano ou logro aos participantes, e que cuidem da proteção dos dados. (p. 209)

As entrevistas foram realizadas na Sala dos Professores, sem a presença de terceiros. Antes de começar a gravação sempre tínhamos uma conversa com os alunos, onde líamos o Termo, explicávamos mais uma vez o motivo da pesquisa e a necessidade da gravação. Essa conversa inicial também serviu para que os entrevistados se sentissem mais a vontade, porque mesmo concordando em participar, eles ainda ficavam nervosos em relação à gravação.

4. PENSAR A ESCOLA, NARRAR A VIDA: analisando e discutindo os resultados

Após coletar as narrativas das histórias de vidas dos sujeitos, realizamos as transcrições de todas. Das narrativas dos entrevistados que nos apontaram sua relação com a instituição escolar emergiram quatro categorias.

A primeira categoria, intitulada *A escola compreendida na infância*, retrata as memórias construídas sobre a instituição escolar durante a infância do aluno da Educação de Jovens e Adultos. O estranhamento com relação à escola, o sentimento de não pertencimento ao espaço escolar e as dificuldades de acesso e, principalmente, de permanência do aluno enquanto criança, ganham destaque nas narrativas.

A categoria *Reflexões sobre a vida escolar*, apresenta nossa análise sobre os depoimentos que envolvem as memórias dos alunos sobre as experiências vivenciadas com relação à escola: os desafios enfrentados para poder frequentar o espaço escolar, os desejos em continuar (ou não) os estudos durante a infância e nos retornos vivenciados em períodos posteriores da vida, as dificuldades superadas para que os estudos fossem concluídos.

Nossa análise sobre o *Estímulo para ir à escola na infância e na fase adulta* é tratado nesta terceira categoria. Os elementos que aqui elencamos nos esclarecem como a família tem peso nas decisões dos sujeitos da pesquisa. Seja no incentivo à desistirem da escola para optarem ao mundo do trabalho ou a dedicação exclusiva à família, seja para mostrar aos estudantes da EJA as vantagens de retomar os estudos.

Na categoria *A escola para a vida... A vida para além da escola*, nos aproximamos de uma escola supervalorizada pelos alunos da EJA. Se por um lado eles reconhecem que a vida pode ensinar, por outro eles relatam que é a escola que pode fazê-los, enfim, ter uma vida mais fácil, nem que seja, apenas através da aprendizagem da leitura e da escrita.

4.1 A escola compreendida na infância

A escola possui significados diferentes para cada pessoa ao longo da vida. Acreditamos que a forma como ela é compreendida carrega potenciais para influenciar diretamente nas relações que os sujeitos estabelecem com a educação escolarizada.

A educação escolar é um direito de todos, seja qual for a sua idade, cor, gênero ou local de residência. Partindo dessa premissa, torna-se uma negação de direito o não acesso do

adulto ao ensino escolarizado. Segundo Carnoy e Gadotti (2018, p. 138) “a educação é um direito que não prescreve aos 14 anos, não priorizar a educação de jovens e adultos é penalizar duplamente os analfabetos: ontem, na chamada ‘idade certa’ lhes foi negado esse direito e hoje lhes é negado novamente”.

Se durante a infância os dispositivos legais eram mais flexíveis e não determinavam historicamente o dever do Estado na oferta da educação escolarizada para todos durante a idade regular, atualmente as legislações tratam de reforçar ao público adulto e idoso o direito ao ensino gratuito e de qualidade. Vimos, em nosso debate teórico, que as atuais ações de combate ao analfabetismo ou de estímulo à conclusão dos estudos tem como objetivo imediato diminuir as altas taxas de abandono ou aumentar o índice de escolarização da população, principalmente em respostas às exigências internacionais.

As memórias dos alunos da Educação de Jovens e Adultos evidenciam uma relação de afastamento, de encontros e desencontros, abandono e até mesmo de descaso quando se referem das experiências enquanto crianças na relação com o acesso à escola. Nos relatos abaixo podemos entender como acontecem estas relações e como os alunos, sujeitos participantes do estudo, nos dão indícios de como compreendiam a escola na sua infância.

Comecei a estudar um bom tempo, depois parei. Meu pai e minha mãe incentivava muito, só que, por conta das brincadeira de escola, ia mais pra me divertir [...] A gente ia só pra brincar, sem interesse a nada... Nada de interesse! (Jucicleide)

[...] Assim, os pessoal ficava mangando muito *deu'* na escola. Os coleguinha ficava dizendo que eu era filha de doido. (Bianca)

Cheguei só na primeira série. Depois desisti de vez. Eu num terminei nem o ano, porque já veio os outros irmão pra eu cuidar. Aí eu já desisti. Aí eu já fui criando... Cuidando dos irmão, chegando mais irmão, né? Não tinha escola perto de onde morava. A gente vinha do sítio a pé, aqui pra São João. A gente estudava de manhã. Aí a gente vinha de manhazinha cedo, quando era de meio dia a gente voltava pro sítio de pé (...) Depois de um tempo já tinha desistido mermo, num deu pra terminar. Aí foi... abriu um colégio lá no sítio, mais só pra criancinha pequenininha. Aí a gente... eu mermo como tinha desistido... E os outro como tava maiorzinho continuaram estudando na rua. Porque a que abriu lá foi pras criança pequena. Aí pronto. Aí fui levando assim, fui levando, levando... (Edite)

Observamos na fala de Jucicleide que a escola era compreendida, na sua infância, como um lugar de diversão. Não havia outra finalidade. O abandono dos estudos é justificado pelo

fato de não ver outro significado em ir à escola que não seja compreendê-la como um espaço de encontro com os amigos e local para se divertir. Não há relação do lugar a um espaço que poderia lhe proporcionar o aprendizado, o conhecimento.

De fato, embora apontem para caminhos antagônicos, as narrativas de Jucicleide e Bianca nos indicam que os sentidos que atribuíam à escola enquanto a frequentavam na infância carrega muito das relações traçadas com os outros. Um local lhes traz diversão... Um local que lhe traz constrangimento... Bianca via a escola como um lugar de exposição. Na sua fala ela relata momentos vergonha e de humilhação. Durante sua entrevista, ela falou que isso acontecia pelo fato da sua mãe ter problemas mentais. Este fato foi o principal motivo da mesma desistir dos estudos.

Gadotti (2007) citado por Dias e Barra Nova (2015, p. 29) retrata a escola como um lugar de diferentes funções. “[...] A escola não é só um espaço físico. É, acima de tudo, um modo de ser, de ver. Ela se define pelas relações sociais que desenvolve”; e a escola, sendo um espaço de diversos acontecimentos, realmente pode promover nas narrativas dos alunos memórias como estas. A instituição é, acima de tudo um ambiente social e político, onde vão surgir amizades, e momentos felizes, mas também vivências difíceis de serem lembradas como atos de *bullying* e ocorrências que façam a criança perder o interesse pela escola ou até mesmo abandonar os estudos.

No caso de Edite, a narrativa nos mostra que ela foi levada a abandonar os estudos. Se antes já era difícil chegar até a escola e se concentrar nos estudos, a chegada dos outros irmãos, um a um, foi trazendo mais obstáculos para o andamento da vida escolar. O compromisso na esfera familiar exigiu o tempo que era dedicado a algo que não garantia necessidade para sobreviver, os estudos.

A distância presente entre a casa e a escola de Edite era um desafio comum às crianças da época que moravam distante dos centros. O acesso à educação escolar era para poucos. O esforço em se fazer presente no pouco tempo em que frequentava a escola era notório na narrativa de Edite. O trajeto era longo, feito a pé na ida e no retorno para casa. O surgimento de uma nova escola próxima do sítio onde morava não contemplou as crianças de sua geração, a oferta de vagas era para as crianças menores...

O caso de Edite nos faz refletir sobre a importância da criação de políticas educacionais de apoio à permanência dos alunos na vida escolar. Transporte regular, alimentação, material didático, para além de favorecerem melhores desempenhos por parte dos alunos, permite sua presença em sala de aula, diminui os obstáculos que tanto pesam para os grupos sociais que

compreendem a escola como um local que não lhe pertence, que não contribuiria com melhores condições de vida, como, assim, enxergava Jucicleide.

É válido lembrar que o grupo assistido pela Educação de Jovens e Adultos tem como característica marcante na relação com a instituição escolar, reforçada principalmente durante a infância, o estranhamento. Os alunos parecem desconhecer o espaço como um local deles, que existe “para eles”. Essa compreensão parece perdurar até os dias atuais, em suas relações com a escola. As narrativas mostram que os alunos da EJA se veem como desmerecedores do espaço, como se não merecem o retorno, a nova chance de finalização dos estudos.

Esta categoria nos leva a refletir o quanto o descaso político com relação à educação acompanha o estudante da modalidade até os dias atuais, principalmente no caso das alunas acima citadas. Se a escola não pode acolhe-las na idade regular, hoje em dia mostra-se alheia às suas necessidades, pois ainda se apresenta enquanto uma instituição que não garante uma educação acolhedora, com uma escola que se abra por inteiro, com biblioteca e laboratórios, por exemplo. Ainda é a escola com o mínimo de estrutura a que os alunos da EJA tem acesso. Duas turmas de fases diferentes dividem a mesma professora, que se esforça diante do cansaço de assumir o terceiro turno de trabalho docente diário.

4.2. Reflexões sobre a vida escolar

Durante as narrativas, todos os sujeitos foram convidados a se expressarem sobre as lembranças que tinham da vida escolar no passado. Memórias que traziam muita emoção no momento em que falavam sobre os motivos que os levaram a desistência, as dificuldades que enfrentaram na infância e/ou adolescência e as pessoas envolvidas nestes processos. Os sujeitos fizeram reflexões acerca dos caminhos percorridos durante a sua vida escolar, como os que retratamos abaixo:

Parei de estudar quando eu tinha uns oito anos, por aí. Aí tive que ir pro roçado trabalhar pra ajudar minha mãe, que meu pai foi embora e deixou a gente sozinho. Aí tive que sair do colégio pra ir trabalhar alugado [...]. Quando eu ia pro colégio o pessoal dizia que escola não tinha futuro não, que tinha futuro mesmo era ir trabalhar na roça. (Josy)

Eu comecei a estudar quando tinha 12 anos. Aí estudei uns dois, três anos, depois parei. Eu parei porque tive que trabalhar. Aí depois eu continuei de novo, estudei de novo, né? E parei de novo. Aí eu só vim estudar com 27 anos. (Juciene)

Eu fui criada sem pai e sem mãe, fui criada pela minha vó. Quando ela morreu eu tinha 18 anos. Aí eu tive que deixar os estudo pra mim sobreviver. Eu trabalhava numa casa de família e não dava pra mim continuar, que eu chegava já tarde e pra mim era muito pesado [...] Aí depois eu casei. Conversei com meu marido pra ele deixar eu estudar, ele disse que não deixava. Depois arrumei filho, e ele disse: ‘Mulher que arruma filho não tem direito de estudar’, mas aí depois ele morreu e eu continuei meus estudos. (Rosa)

Meu nome é Jucicleide. Eu comecei a estudar com 11 anos e comecei estudar um bom tempo, depois parei. Meu pai e minha mãe incentivava muito, só que por conta das brincadeiras de escola, ia mais pra me divertir. Aí comecei, estudei um bom tempo, acho que uns dois anos, aí parei. Aí vim pra cá, estudei aqui mas um ano, aí desisti, por conta do trabalho. Ou trabalhava ou estudava. Minha única opção era trabalhar pra me manter, meus pais não tinha condição. Eles incentivava a ir pra escola, como todos os meus irmãos, incentiva muito e eu por preguiça desisti da escola (...) Vinha de carro de pau de arara, numa chuva, mas, mais pela brincadeira, pela farra. (Jucicleide)

Um dos principais motivos de abandono escolar que os alunos relataram foi a imposição do trabalho desde jovem. Nesse momento os sujeitos fizeram reflexões acerca de como foi difícil a época em que precisaram escolher entre estudar ou trabalhar, como no caso de Rosa, Juciene e Josy. A obrigação do trabalho surgia, ora sobre influência de adultos, pais ou pessoas próximas, ora por escolha própria, diante de uma trajetória de vida que o impunha.

Josy, além de narrar as dificuldades que teve em deixar a escola para ajudar a mãe, ainda discursou sobre como as outras pessoas da época viam a educação: como algo irrelevante para o futuro, sem vinculação direta ao mundo do trabalho que a receberia.

No universo da Educação de Jovens e Adultos a relação entre o estudo e o trabalho costuma ser um fator de peso na história de vida dos alunos, seja durante a infância, seja no retorno, já adulto ou idoso, aos estudos. Sobre o tema, Oliveira nos lembra:

“O mundo do trabalho não abre espaço para a infância, anula etapas e faz com que a criança torne-se adulto antes mesmo de ser criança, antes de brincar, de imaginar e de criar”. (OLIVEIRA, 2013, p. 23)

Além das reflexões de Oliveira (2013), nosso referencial já apontava essa vinculação direta, principalmente quando trata-se das políticas atuais voltadas à modalidade de Educação de Jovens e Adultos, que focam, como estímulo à permanência e conclusão do estudos, a qualificação para o mercado de trabalho.

Na época da adolescência não tive a chance de estudar [...] minha mãe bebia muito e eu praticamente tomava conta da casa. Eu que era a mãe dos pequenos, porque eu que cuidava de tudo. [...] Quando eu cheguei em São Paulo, aí eu arrumei um trabalho. Já tava tudo certo pra eu trabalhar, e eu cheguei no primeiro dia de trabalho eu não sabia ler nem escrever. Porque ela falou assim: Rosa, como você vai trabalhar? Como você vai anotar um recado, como você vai dar um medicamento a uma pessoa, se você não sabe de nada. Aí não fiquei trabalhando. (Rosa)

Edite relatou que algum tempo depois que havia desistido dos estudos inaugurou uma escola próxima a sua casa, porém o público alvo era somente as crianças pequenas. Então ela continuou sem estudar. Seus irmãos que frequentavam a escola precisavam ir a pé do sítio onde eles moravam até a cidade para ter acesso escola.

Com este relato nos deparamos com uma grande questão na Educação de Jovens e Adultos, que acontece quando a pessoa se vê adulta, não passou pela escola, ou teve uma passagem muito breve e percebe que não se encaixa em uma classe de crianças, o que impede seu retorno à vida escolar, mesmo diante do desejoso regresso. Oliveira (1999) apresenta estes impasses quando nos relata:

Os alunos têm vergonha de frequentar a escola depois de adultos e muitas vezes pensam que serão os únicos adultos em classes de crianças, sentido-se por isso humilhados e tornando-se inseguros quanto a sua própria capacidade para aprender (p. 62).

Pensando na escola como uma instituição que deve acolher os estudantes, percebe-se nas falas dos alunos que eles não tiveram este tipo de vivência. Paiva (2003) citada por Dias e Barra Nova (2015, p. 56), afirma que “Especificamente na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a história não só registra os movimentos de negação e de exclusão que atingem esses sujeitos, mas se produz a partir de um direito conspurcado muito antes, durante a infância, esta negada como tempo escolar e como tempo de ser criança a milhões de brasileiros”.

Daí decorre a necessidade de reconhecimento das especificidades do alunado da EJA. Na organização da sala de aula, no material pedagógico, na prática docente o respeito às características do aluno deve ser princípio da organização escolar. O grande entrave, ao nosso ver, recai na heterogeneidade que as turmas de EJA englobam atualmente, principalmente as que incorporam as 1ª e 2ª fases e reúnem o maior número de matrículas.

Os alunos matriculados nestas turmas, como na turma que participa do nosso estudo, tem apenas como característica comum o baixo nível de escolaridade, mas se encontram em momentos de vida muito distintos: são jovens que carregaram o insucesso escolar durante muitos anos e, automaticamente, a escola passa a orientar a matrícula na turma de jovens e adultos, são donas de casa que não tiveram a oportunidade de retornar aos estudos adiados diante de casamentos e filhos, ou idosos que apenas na terceira idade podem contar com tempo para se dedicar aos estudos, além dos alunos que se enquadram na modalidade de Educação Especial e, pela idade superior às turmas regulares, passam a integrar as turmas de EJA.

Diante de tantos empecilhos durante a trajetória escolar, os alunos, durante as narrativas, apontaram motivos que os instigavam em retornar à escola. É impressionante como a família ganha peso nas decisões de desistir ou retornar a trajetória escolar. Se o incentivo para abandonar os estudos vem de casa, o retorno também é estimulado por quem se divide o texto, como a próxima categoria explora.

4.3 Estímulo para ir à escola na infância e na fase adulta

A iniciativa de voltar a estudar não é uma decisão fácil para nenhum adulto. Nas narrativas nos relatam que precisam enfrentar preconceitos de todas as formas, conflitos pessoais e familiares. Através das análises das narrativas percebemos que, se por um lado, na maioria dos casos de evasão escolar a família tem grande peso, o retorno é incentivado, também, por ela. A diferença, nestes casos, é que o apoio no retorno dos estudos, quando advém do seio familiar, surge dos filhos, da nova geração da família.

Como nos lembram Galvão e Di Pierro (2012) o preconceito contra o analfabeto foi sendo construído em diferentes instâncias sociais, ao longo da história brasileira. Os empecilhos são tantos, que nas turmas de Jovens e Adultos tem alunos matriculados que nunca chegaram a frequentar a sala. Nesta categoria, a família ganha destaque nas narrativas, como na de Júnior, que em sua fala discursou sobre o que ele acha que deve ser o papel dos pais na vida escolar dos alunos. Na sua trajetória, segundo ele, os pais não foram tão incentivadores:

É... Toda mãe diz: “Estude, que sem estudo você não é nada!”. Só que eu não acredito que seja um incentivo, não! Porque incentivo é quando a mãe diz: “Vá pra escola!”. É aquela mãe que pega no seu pé. Mas quando a mãe libera você pra fazer o que quiser, aí é você por você mesmo. (Junior)

Nossa pesquisa mostrou que estímulo para ir à escola é importante, seja na infância ou na fase adulta. A permanência na escola ou o retorno à ela dependeram desse incentivo. Nas narrativas de histórias de vida dos alunos eles falaram um pouco sobre as influências para frequentar a escola quando criança. A maioria, como Júnior, relatou não reconhecer incentivo por parte dos pais para continuar os estudos, e aqueles que tinham, ainda assim, precisaram abandonar os estudos para poder trabalhar.

Por outro lado, foi comum o apoio prestado pelos filhos ao retorno dos pais à escola, aos estudos. As narrativas nos apontam elementos que mostram a volta aos estudos, mesmo quando isto já não era mais cogitado pelos sujeitos do nosso estudo.

E eu vim pra escola por causa que meu filho me incentivou, ele disse: “A senhora vai pra escola. O que a senhora aprender já lhe serve, por causa que a senhora num sabe fazer nada”. E, graças a Deus, eu já tô fazendo meu nome, já tô lendo umas letra, eu tô achando muito bom na escola. (Dona Jura)

Quando foi agora, esse final do ano passado, minha menina disse: “Oh mãe, por que a senhora não vai estudar?”. Aí decidi vir. O dia que eu não venho elas pega no meu pé. (Jucicleide)

A incentivadora foi minha sogra. Ela disse: “Agora você vai voltar a estudar, que você já cuidou dos meninos, os meninos já tão grande, então agora você vai voltar a estudar”. (Josy)

Minha menina mandou eu vir, né? Mas, assim, eu pensei direitinho, fiquei pensando, pensando. Aí eu disse: “Sabe de uma coisa? Eu vou pra escola, porque pelo menos eu aprendo fazer meu nome”. Sempre quando eu ia escrever alguma coisa no cartório, tinha que assinar o dedo. (Bianca)

Mesmo diante do apoio dos filhos no retorno às escolas, o receio de voltar às salas de aula foi grande. Os filhos foram espelhos para algumas das mulheres. Dona Jura, por exemplo, tem três filhos professores, que a incentivaram muito para voltar a estudar. Bianca também relatou que ao ver a filha aprendendo a ler e a escrever se encorajou pra retomar os estudos.

Por outro lado, outro elemento comum nas narrativas apresenta o casamento como um empecilho para a continuidade dos estudos. Segundo as alunas, foi muito difícil convencer os companheiros a deixá-las voltar a estudar. Galvão e Soares (2006, p. 51) discutem sobre a questão da negação dos direitos dos estudantes jovens e adultos, principalmente porque “para muitas mulheres, o direito ao estudo, se transforma, em sua trajetória de vida, em uma concessão, fornecida pelos pais/ou maridos”.

De fato, já apresentamos em recortes das narrativas, acima expostos, o quanto pesa o desestímulo ou até mesmo a negativa, por parte de companheiros, no direito da mulher/esposa/mãe dedicar seu tempo ao estudo nas escolas.

Os obstáculos para a conclusão dos estudos são muitos. Os estudantes também descreveram, ao narrarem suas histórias, alguns momentos em que se sentiram desestimulados e pensaram em desistir.

Bianca, em sua narrativa, destacou a questão da família. Segundo ela, cuidar dos filhos, da casa, são tarefas que podem prejudicar a continuidade dos estudos. Quando ela narra “*esse tempo que eu não vim pra escola, passei por muita dificuldade em casa*”, ela está se referindo a alguns dias que ela faltou às aulas durante nossa coleta de dados - inclusive achávamos que ela seria mais uma a ter desistido, entretanto, na penúltima semana no campo de pesquisa ela apareceu, o que foi muito bom, pois, a narrativa da sua trajetória escolar enriqueceu nosso estudo.

É, tem as famílias, né? Problema do dia a dia, as correrias, é muita coisa. E esse tempo que eu não vim pra escola eu passei muita dificuldade em casa. Aí eu disse, mas eu não vou desistir não, eu vou! (Bianca)

Eu crio seis filhos sozinha. Passo o dia todo trabalhando, eu quebro muito minha cabeça durante o dia e de noite venho estudar. Se fosse outra, não vinha. Mas eu quero terminar meus estudos, mesmo depois de ‘véia’ eu quero fazer uma faculdade, que meu sonho é esse. (Rosa)

Os alunos apontaram como dificuldades de continuar na escola, os afazeres do dia a dia, principalmente para quem trabalha: o cansaço, o sono. Os estudantes que residem na Zona Rural sentem mais dificuldades pelo fato de ter que vir todos os dias do “sítio” - chegam em casa tarde, precisando acordar cedo no outro dia. Precisamos lembrar também que o acesso e a permanência destas pessoas na escola é um direito garantido por lei e um dever do poder público também.

4.4. A escola para a vida... A vida para além da escola

As narrativas não nos apontaram apenas memórias, fragmentos de momentos vividos no passado, elas também nos apresentavam os desejos dos alunos da Educação de Jovens e Adultos com relação à escola. As motivações em retornar à sala de aula, os objetivos que querem alcançar com a experiência adquirida através da escola e, principalmente, com os conhecimentos advindos do universo escolar foram narrados.

Em nossa análise, a escola deve estar preparada para receber estes alunos e tentar corresponder as suas demandas. Concordamos com Dias e Barra Nova (2015, p. 57) quando afirmam que “a Educação de Jovens e Adultos deve se constituir como espaço de inclusão social, que recebe um público que se encontra marginalizado pelo fracasso ou abandono escolar e retornam à escola cheios de expectativas”. Entretanto, o que os alunos querem, mais do que tudo, é aprender a ler e a escrever.

O domínio das habilidades de leitura e escrita parece, para eles, como um divisor de águas em suas vidas. Para nós, foi impressionante perceber como o fato de não realizar estas duas atividades faz essas pessoas se sentirem inferiores as demais. Nessa perspectiva, os alunos depositam na escola múltiplas expectativas e desejos. O interessante é que, mesmo valorizando a instituição escolar como um espaço que pode contribuir com suas vidas, muitos narraram que reconhecem as suas trajetórias de vida como percursos de aprendizagem, como nos relatos abaixo:

Tem gente que na vida... eu mesmo aprendi a ler não foi na escola [...] Tipo, o mundo é uma escola também, só que elas ensinam coisas diferentes. (Junior)

Eu aprendi muito na vida, visse? E tô aprendendo agora na escola. Eu sofri muito na minha vida visse? Sofri porque parei meus estudos, e a vida ensina muita coisa a gente. (Rosa)

Eu acho que se aprende mais na escola, porque a vida (suspiro)... Minha vida eu já vivi muito e sei o que é, né? E eu quero aprender assim, na escola. (Bianca)

Junior possui uma relação diferenciada com a escola em sua trajetória de vida. Diferentemente dos demais alunos da turma, ele não teve o acesso a escola negado, nem foi vítima de repetidas reprovações nos anos anteriores. Ele tem uma história familiar bem

peculiar. O fato de estar com 17 anos na 2ª fase da EJA se deu porque o trabalho da sua mãe exige que ela se mude para várias cidades durante o ano. Assim, quando ela se mudava, ele e os irmãos tinham que ir junto e consequentemente perdiam o restante do ano letivo.

Percebemos em suas falas que eles depositam uma grande realização pessoal nos estudos, colocando a escola como um portal, imaginando que existe uma vida antes e depois da escola. Quando eles, em suas narrativas, trazem elementos como “a pessoa sem estudo não é nada na vida” (Rosa), ou “A pessoa que não sabe ler é cego” (Dona Jura), reforçam nossa análise.

Nas falas dos estudantes, percebemos que eles associam “o aprender” à escola, entretanto, alguns não desconsideram que a vida também é uma fonte de conhecimento e aprendizagem. Neste sentido Galvão e Soares (2006, p. 51) ressaltam que, “o adulto não é um mero portador de “conhecimentos prévios” (...) mas um sujeito que já construiu uma história de vida, uma identidade e cotidianamente produz cultura”. Os alunos demonstraram, também, que estão na escola em busca de algo novo, algo que eles durante a sua vida inteira, não conseguiram alcançar.

A escola precisa ser atraente para os estudantes da Educação de Jovens e Adultos, pois precisamos lembrar que esses alunos não são iguais aos da Educação Básica regular, que vão à escola levados pelos pais. Eles estão lá movidos por desejos próprios e, a qualquer momento, quando não se sentirem atraídos e estimulados, poderão, mais uma vez, abandonar a escola.

5. CONSIDERAÇÕES

O nosso estudo se propôs a conhecer o percurso histórico escolar dos alunos da Educação de Jovens e Adultos através de narrativas das suas histórias de vida. Para isto, levantamos aspectos históricos e legais desta modalidade de ensino. Com a finalidade de nos aproximarmos da forma como a Educação de Jovens e Adultos é estudada localmente, realizamos um levantamento dos Trabalhos de Conclusão de Curso da Unidade Acadêmica de Garanhuns da Universidade Federal Rural de Pernambuco, que exploram a modalidade. Este ensaio nos mostrou que a EJA ainda se apresenta de forma tímida enquanto área pesquisada, mesmo sendo um dos palcos de atuação docente do pedagogo.

Por muitos anos o público desta modalidade foi silenciado, excluído e negligenciado em relação à educação. E, mesmo tendo seus direitos garantidos por lei, ainda assim enfrentam dificuldades de acesso à escola.

Quando propomos nos aproximar das trajetórias de vidas dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, partimos da certeza que esses alunos precisam ser ouvidos, precisam ser vistos, considerados dentro e pelas escolas. “Acreditamos que o resgate das memórias e das trajetórias de vida dos estudantes da EJA deve ser o ponto de partida para um processo de escolarização que, efetivamente, considere as singularidades e especificidades da modalidade” (Lima e Silva, 2015, p. 62).

A relação dos estudantes que participaram de nosso trabalho com a escola foi marcada por encontros e desencontros. Os sentimentos que permeiam os relatos dos alunos são diversos e, em muitos casos, chegaram a nos emocionar e comover. Em diversos momentos, durante as suas infâncias, a escola era vista como um lugar que não lhes pertencia e o abandono vinha em seguida.

Após a realização da pesquisa entendemos as trajetórias de vida dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos, como vivências de extrema importância para adentrarmos cada dia mais no universo escolar destes estudantes. É necessário que os alunos desta modalidade deixem de ser vistos como “analfabetos que não sabem de nada”, “fracassados que não quiseram estudar”. Precisamos compreender estes estudantes em primeiro lugar como pessoas. Pessoas que trabalham, têm famílias, criam e educam seus filhos, tem o seu lugar e participação social dentro da nossa sociedade. Essa sociedade que acaba rejeitando estas pessoas por não se encaixarem nos padrões exigidos, de que para ser “alguém na vida” precisa “ser um doutor” ou, simplesmente, aprender a ler e a escrever.

6. REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Etnografia da prática escolar**. Editora Papirus, Campinas-SP, 1995.

ANDRÉ, Marli Eliza A. D. LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E. P. U., 2012.

ANDRADE, Izabel Cristina Feijó de. MAURÍCIO, Wanderlea Pereira Damásio. **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: HISTÓRIAS DE VIDA ORAIS DE HOMENS E MULHERES**. Recurso online. Santa Catarina, 2015. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/viewFile/2858/2643>. Acesso em: 07 de Outubro de 2018.

ABDALLA, Vilma. **O que pensam os alunos sobre a escola noturna**. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 110), São Paulo: Cortez, 2004.

BARBOSA, Márcia Regina. **RUMO E POLÍTICAS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**. In: SANTIAGO, Eliete; MAHADO, Laêda Bezerra (Orgs). **POLÍTICAS E GESTÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA**. 2. ed. Recife, Ed. Universitária da UFPE, 2012.

BAUER, Martin. JOVCHELOVITCH, Sandra. **ENTREVISTA NARRATIVA**. In Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático/ Martin W. Bauer, George Gaskell (orgs); tradução de Pedrinho A. Guareschi. 12 ed. Petrópolis, Rj : Vozes, 2014.

BELUZO, Maira Ferreira. TONIOSSO, José Pedro. **O Mobral e a alfabetização de adultos: considerações históricas**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 2 (1): 196-209, 2015.

BRASIL. **Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos Encceja**. Brasília, 2002.

BRASIL. **Princípios, Diretrizes, Estratégias e Ações de Apoio ao Programa Brasil Alfabetizado: Elementos para a Formação de Coordenadores de Turmas e de Alfabetizadores**. Brasília, 2011.

BRASIL. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional** – Brasília: Senado Federal, 1996.

BRASIL. **RESOLUÇÃO Nº 51 DE 16 DE SETEMBRO DE 2009 Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro Didático para Educação de Jovens e Adultos (PNLD EJA)**. Brasília, 2009.

BRASIL. **Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus**, e dá outras providências. Brasília, 11 de agosto de 1971.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação 2014-2024** Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. – Brasília: Câmara dos Deputados, 2014.

CARNOY, Martin. GADOTTI, Moacir. **Reinventando Freire: a práxis do instituto Paulo Freire**. Lemann Center/Stanford Graduate School of Education. São Paulo, 2018.

COUTO, Charliel Lima. EUGÊNIO, Robson da Silva. **Utilizando jogo nas estruturas aditivas na educação de jovens e adultos**. Trabalho de Conclusão de Curso. UAG/UFRPE. Garanhuns/PE. 2014.

CORRÊA, Viviane Suzart. SOUZA JUNIOR, Cláudio Galvão de. **Escola da EJA: veículo de promoção da saúde em Garanhuns**. Trabalho de conclusão de curso. UAG/UFRPE, Garanhuns/PE. 2009.

COSTA, Rosa Tavares Caldas. BASTOS, Heloisa Flora Brasil Nóbrega. **Jogos matemáticos na Educação de Jovens e Adultos**. Trabalho de conclusão de curso. UAG/UFRPE, Garanhuns/PE. 2011.

DI PIERRO, Maria Clara. **A educação de Jovens e adultos no plano nacional de educação: avaliação, desafios e perspectivas**. Educ. Soc. Campinas, v.31, n. 112, p.939-959, jul.-set. 2010.

DI PIERRO, Maria Clara. JOIA, Orlando. RIBEIRO, Vera Masagão. **VISÕES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL**. Cadernos Cedes, ano XXI, nº 55, novembro/2001.

DI PIERRO, Maria Clara. HADDAD, Sérgio. **Escolarização de jovens e adultos**. Revista brasileira de educação, Mai/Jun/Jul/Ago, Nº 14, 2000.

DIAS, Gerciane Ramos. BARRA NOVA, Taynah de Brito. **A gente cansa de não saber nada: representações sociais de escolas dos estudantes da EJA**. – Trabalho de Conclusão de Curso. UAG/UFRPE. Garanhuns/PE, 2015.

DELGADO, Rafael Nunes. BASTOS, Heloísa Flora Brasil Nóbrega. **O desenvolvimento de habilidades sociais educativas em uma sala da 2º fase da educação de jovens e adultos**. Trabalho de Conclusão de Curso. UAG/UFRPE. Garanhuns/PE. 2013.

FERNANDES, Andrea da Paixão. **POR ENTRE TRILHAS... LEMBRANÇAS DE JOVENS E ADULTOS E OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS À ESCOLA**. 36ª Reunião Nacional da ANPED, Goiânia-GO, 2013.

FERRO, Bruna Bezerra de Albuquerque. BASTOS, Heloísa Flora Brasil Nóbrega. **O bloco tratamento de informação na EJA: investigando o desempenho de jovens e adultos na construção e interpretação de gráficos**. Trabalho de Conclusão de Curso. UAG/UFRPE. Garanhuns/PE. 2014.

FRIEDRICH, Márcia. **Trajetórias da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas**. Ensaio: aval. pol. publ. Educ., Rio de Janeiro, v.18, n.67, p.389-410, abr./jun.2010.

FLICK, Uwe. **Introdução á metodologia científica: um guia para iniciantes\tradução: Magda Lopes; revisão técnica: Dirceu da Silva**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FREITAS, Ernani Cesas de. PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico /. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; SOARES, Leôncio José Gomes. **História da alfabetização de adultos no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; DI PIERRO, Maria Clara. **Preconceito contra o analfabeto**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor**: Paulo Freire e a paixão de ensinar. 1ª ed. – São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

LIMA, Alex de Araujo. SILVA, Leila Nascimento da. **As concepções do educando da Educação de Jovens e Adultos sobre o uso de jogos de alfabetização na sala de aula**. Trabalho de conclusão de curso. UAG/UFRPE, Garanhuns/PE. 2015.

LUCKESI, Cipriano. **Verificação ou avaliação: O que pratica a escola?** In: __ Avaliação da aprendizagem escolar: Estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2008.

MARQUES, Flávia Alves de Assis. GOMES, Maria José. **Alfabetização de jovens e adultos**: o processo de transição de uma prática tradicional em busca do letramento. Trabalho de conclusão de curso. UAG/UFRPE, Garanhuns/PE. 2011.

MACHADO, Maria Margarida. **A educação de jovens e adultos Após 20 vinte anos da Lei nº 9.394, de 1996**. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 10, n. 19, p. 429-451, jul./dez. 2016.

MELO, Geane Tenório de Lima de. OLIVEIRA, Robson Santos de. **Análise da evasão escolar na EJA**: a relação afetiva entre professores e alunos. Trabalho de Conclusão de Curso. UAG/UFRPE. Garanhuns/PE. 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Editora Contexto, 2014

NUNES, Dayana Karla da Silva. BASTOS, Heloísa Flora B. Nóbrega. **O ensino da adição e da subtração na educação de jovens e adultos baseado na teoria dos campos conceituais e nas premissas da andragogia**. Trabalho de Conclusão de Curso. UAG/UFRPE. Garanhuns/PE. 2013.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **JOVENS E ADULTOS COMO SUJEITOS DE CONHECIMENTO E APRENDIZAGEM**. Trabalho encomendado pelo GT “Educação de pessoas jovens e adultas” e apresentado na 22ª Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, 1999. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=marta+kholl+eja&oq=marta+kholl+eja&aqs=chrome..69i57j0l2.8623j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8#> Acesso em 19 de Maio de 2018.

OLIVEIRA, Alberto César de. SILVA, Valdir Eduardo Ferreira da. **PROJOVEM**: Uma perspectiva de inclusão de jovens no município de Garanhuns-PE. Trabalho de Conclusão de Curso. UAG/UFRPE. Garanhuns/PE. 2012.

OLIVEIRA, Salete Luciana de. **Narrativas de vida dos estudantes da EJA**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

PAIVA, V.P. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Edições Loyola, 1973.

PAIVA, Vanilda. **História da Educação Popular no Brasil: educação popular e educação de adultos**. 6.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

PERAZZO, Priscila F. **Narrativas Oraís de Histórias de Vida**. Comunicação & Inovação, PPGCOM/USCS v. 16, n. 30 (121-131) jan-abr, 2015.

RAMALHO, Ângela Maria Alexandre. OGLIARI, Marlene Maria. **Consciência Fonológica e compreensão do princípio alfabético em alunos da educação de jovens e adultos**. Trabalho de Conclusão de Curso. UAG/UFRPE. Garanhuns/PE. 2015.

REOLON, Andréa Aparecida. **HISTÓRIAS DE VIDA DE ALUNOS DE EJA**. Campinas, SP. Trabalho de Conclusão de Curso (especialização em educação de jovens e adultos), Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 2009.

ROGERRO, Rosemary. **Notas provocativas sobre a sobrevivência da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. In: CORTADA, Silvana (Org). **Educação de Jovens e Adultos a seus diferentes contextos**. Jundiaí: Paco editorial, (p. 41- 70), 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 23 ed. 2007.

SILVA, Ana Maria dos Santos. LIMA, Gustavo Henrique da Silva. Azevedo. **As práticas de letramento dos estudantes da EJA fora da escola**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. UAG/UFRPE. Garanhuns/PE. 2016.

SILVA, Daiana Demile da. VASCONCELOS, Norma Abreu e Lima M. L. **A evasão escolar na 2ª fase da EJA no município de Angelim-PE**. Trabalho de Conclusão de Curso. UAG/UFRPE. Garanhuns/PE. 2015.

SILVA, Claudineide Santos. GOMES, Maria José. **As contribuições do curso de licenciatura em pedagogia para a prática pedagógica na educação de jovens e adultos: um estudo com egressos da UFRPE/UAG**. Trabalho de conclusão de curso. UAG/UFRPE, Garanhuns/PE. 2011a.

SILVA, Maria do Socorro da. OLIVEIRA, Robson Santos de. **Análise do livro didático do programa Paulo Freire: reflexões didático-pedagógicas**. Trabalho de Conclusão de Curso. UAG/UFRPE, Garanhuns/PE. 2017.

SILVA. Marinês Holanda da. GOMES, Maria José. **Práticas pedagógicas e as especificidades da educação de jovens e adultos: um estudo de caso em uma escola do município de São João-PE**. Trabalho de conclusão de curso. UAG/UFRPE, Garanhuns/PE. 2011b.

SILVA, Luciana Leandro da Silva. GOMES, Maria José. **A importância de uma organização curricular integrada às necessidades dos educandos da Educação de Jovens e Adultos**. Trabalho de Conclusão de Curso. UAG/UFRPE, Garanhuns/PE. 2010.

SILVA. Silma Oliveira da. SOUZA JUNIOR, Cláudio Galvão de. **Evasão em turmas de EJA no município de Jupi-PE**. Trabalho de conclusão de curso. UAG/UFRPE, Garanhuns/PE. 2009.

SILVA, Simone Oliveira da. MATTOS, Marcos Renato Franzosi. **As contribuições da inserção da dimensão ambiental na educação de jovens e adultos (EJA) para formação de sujeitos ecológicos**: uma análise de turmas do programa Paulo Freire. UAG/UFRPE. Garanhuns/PE. 2013.

SILVA, Sueida Lourenço Barbosa. EUGÊNIO, Robson da Silva. **A etnomatemática na EJA**: como proporcionar um ensino de matemática diversificado? Trabalho de conclusão de curso. UAG/UFRPE, Garanhuns/PE. 2014.

SOUZA, Ana Paula de Siqueira. VASCONCELOS, Norma Abreu e Lima Maciel de Lemos. **A inclusão escolar de estudantes com deficiência na sala da EJA**. Trabalho de conclusão de curso. UAG/UFRPE, Garanhuns/PE. 2013.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. **BREVE HISTÓRIA SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL**. Revista HISTEDBR, On-line, Campinas, n. 38, p. 49-59, Jun. 2010.

VASCONCELOS, Norma Abreu e Lima Maciel de Lemos. **HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE LIDERANÇAS SURDAS EM PERNAMBUCO**. Tese de Doutorado. Universidade de São Carlos. São Carlos, 2018.

VERGARA, Glória. **Palabra em movimiento**. Principios teóricos para la narrativa oral. México-DF: Editorial Praxis/Universidad Iberoamericana, 2004.

7. APÊNDICE B

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) aluno(a), o(a) _____ convidamos a participar de maneira voluntária da nossa pesquisa de conclusão de curso intitulada “Trajetórias de Vida: Caminhos Percorridos Pelos Estudantes da EJA Durante a Sua Vida Escolar”. O objetivo principal de nosso estudo é analisar por meio de narrativas o percurso escolar dos alunos da EJA. Como procedimento de coleta de dados a pesquisa utilizará a entrevista narrativa. Destacamos que todos os depoimentos serão gravados em arquivos de áudio e a posse das gravações ficará sob a responsabilidade da pesquisadora. Ressaltamos que a identidade dos sujeitos participantes será mantida em sigilo. Riscos e Benefícios: Ao participar da pesquisa os riscos para os sujeitos participantes seriam o constrangimento e o desconforto. Os benefícios seriam a participação na palestra de apresentação dos resultados da pesquisa, realizada na Unidade Acadêmica de Garanhuns/ UFRPE, bem como o recebimento dos resultados do estudo em mídia digital. Informamos que todo participante voluntário será esclarecido da pesquisa em qualquer aspecto que desejar e se houver algum desconforto na realização da entrevista narrativa é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE

Eu, _____ fui informado (a) de maneira clara dos objetivos da pesquisa “Trajetórias de Vida: Caminhos Percorridos Pelos Estudantes da EJA Durante a Sua Vida Escolar” e esclareci minhas dúvidas. A pesquisadora Danielle Maria Braga da Silva certificou-me de que os dados de identificação dos participantes desta pesquisa serão confidenciais. Em caso de dúvidas, poderei localizar a devida pesquisadora no endereço Av. Bom Pastor, s/n – Boa Vista, Garanhuns, PE e pelo e-mail danyellebragaifpe@gmail.com.

Declaro que concordo em participar do estudo acima apresentado, que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e retifico que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Garanhuns, ____/____/____.

Nome

Assinatura

7.1 APÊNDICE A

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Qual é o significado da escola para você?

Quem deve ir á escola?

Qual a lembrança mais antiga que você tem da escola?

O que ouvia falar sobre a escola na sua infância? Quem falava?

Em que momento abandonou a escola? Foi por que quis?

Seus pais estimulavam os estudos?

O que está buscando na escola?

Quando resolveu voltar/iniciar?

O que esperava encontrar na escola?

O que te incentivou voltar/iniciar?

Porque você acha que muitos alunos desistem?

Está conseguindo encontrar o que esperava na escola?

Quem ensina mais: a escola ou a vida?

7.2 APÊNDICE B - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS NARRATIVAS

JUCICLEIDE, 32 ANOS. 21/11/2018

“Meu nome é Jucicleide. Eu comecei a estudar com 11 anos, e comecei estudar um bom tempo depois parei. Meu pai e minha mãe incentivava muito só que por conta das brincadeiras de escola ia mais pra me divertir. Aí comecei, estudei um bom tempo acho que uns dois anos aí parei. Aí vim pra cá estudei aqui mas um ano, aí desisti, por conta do trabalho ou trabalhava ou estudava. Minha única opção era trabalhar pra me manter, meus pai não tinha condição. Eles incentivava a ir pra escola, como todos os meus irmãos, incentivava muito e eu por preguiça desisti da escola. **Você morava na zona rural?** Na zona rural. Vinha de carro de pau de arara, numa chuva, mas, mais pela brincadeira, pela farra. Nunca me interessei... quando foi agora esse final do ano passado minha menina disse: ô mãe por que a senhora não vai estudar? Eu vou nada omi. Ela disse: vai mulé, vai mãe, vá mãe, vá mãe... Tá certo eu vou. Aí eu vim, até agora graças a deus tô gostando, deu vontade de desistir. Por um momento deu vontade deu desistir... Aí depois ela disse: mãe não vai desistir de jeito nenhum, a senhora já não sabe de nada, e não vai querer estudar? Vá pra escola. Tá certo eu vou e... graças a deus tô terminando o ano e pretendo estudar o ano que vem se deus quiser. **O incentivo partiu das suas filhas?** Das minhas filhas, sim! E o dia que eu não venho elas pegam no meu pé. Mãe a senhora não vai pra escola não? vou não. Mãe pelo amor de deus vá pra escola, vá pra escola, vá pra escola. Aí eu digo, tá certo eu vou. **E de quando tu era criança, tu lembra o que assim da escola?** O que eu lembro. Só das brincadeira. Só pra brincar que a gente ia. Só pra brincar, só pra brincar sem interesse a nada. Nada de se interessar. **E ninguém falava nada da escola quando você era criança, se era bom estudar?** Só dizia vá pra escola. Vá pra escola... e acabou! Mais a gente ia. Não procurava saber se a gente tava estudando, se realmente era por interesse de estudar, ou se era pra brincadeira. Eu mesmo ia só naquela brincadeira. **E hoje depois de voltar assim, qual o significado que a escola tem pra você?** Ai meu deus... se eu voltasse, se voltasse tempos atrás. Não faria o que eu tinha feito atrás não! Tinha mais interessado, tinha me interessado mais, tinha mais aprendido, hoje eu sabia ler e escrever, eu não sei escrever Eu sei ler alguma coisinha, mais escrever assim, num sei. **E na época que você resolveu parar foi por que quis?** Porque quis! pra trabalhar, ou trabalhava ou estudava. Trabalhar pra me manter, porque pai e mãe não tinha como me sustentar de jeito maneira! **E você vem pra escola, buscando o**

que? Aí buscando aprender. Recuperar o tempo perdido, que eu perdi a tempos atrás, e... aprender muito mais. **Pra você quem deve ir á escola?** Todos! Independente de ser criança, adulto, jovem, todos. Acho que todos! **E hoje você acha que conseguiu encontrar o que veio procurar aqui na escola?** Tô sim. **E pra finalizar, uma pergunta que eu acho muito significativa pra quem estuda na EJA, pra você que ensina mais, a escola ou a vida?** A vida! A vida ensina mais, porque é apanhando que a gente aprende né! **Por que você acha que muitos alunos desistem na EJA?**- Num sei..."

DONA JURA, 61 ANOS. 21/11/2018

"Sim. Quando eu era criança eu nunca estudei. Por causa, aí quando eu tinha uns 10, 11 anos, 10 anos pra 12, aí eu só ficava trabalhando. Eu morava no sítio, aí meu pai e minha mãe botava eu pra trabalhar. Aí eu ia trabalhar. Aí quando eu chegava da escola. Aí, quando chegava do trabalho. Aí ela nunca se importou pra eu estudar mais meu pai. Aí quando foi depois ela me botou eu na Mobral, aí na Mobral já ia só por ir. Mais eu tava cansada num estudava não. Aí vinha me bora pra casa. Mais eu só entrei nessa escola pra estudar, porque eu num sabia de nada, num sabia fazer o nome, num sabia fazer nada. **Nessa época a senhora tinha quantos anos?** Eu tinha uns 10 anos. Não, tinha uns 12 anos por aí. Aí depois eu vim pra qui pra rua, aí arrumei um emprego, aí do emprego depois arrumei um namorado, eu me casei. **Esse emprego era em casa de família?** Era, na casa de Pedro Pires, alí na rua do açude. Aí eu digo, eu tenho fé em deus que eu num sei lê não, eu não sei meu nome eu não sei fazer nada, mais todo tempo que eu tiver meus filhos, num vai ser que nem eu não, sem saber de nada não. Aí eu tive 5 filhos, botei meus filho tudinho pra estudar, e hoje tem 3 professor, graças a deus. Aí meu filho mais velho disse: olha mãe, a senhora vai pra escola. E eu só tô nessa escola por causa dele. **Depois que a senhora casou teve vontade de estudar?** Não. Tive não, eu nunca tive sabe? porque era muita coisa, tomar conta de menino nera? Aí eu nunca tive. Mais graças a deus eu criei eles tudo sabendo lê, graças a deus, e eu vim pra escola por causa que meu filho me incentivou, disse: a senhora vai pra escola, o que a senhora aprender já lhe serve. Por causa que a senhora não sabe fazer nada, e graças a deus eu já tô fazendo meu nome. Já tô lendo umas letra, os nome. E eu tô achando muito bom na escola. **Esse ano que a senhora decidiu voltar?** Foi. Aí nesse ano que eu, aí eu gostei. **Quando a senhora era criança lembra de que da escola? tinha escola perto da sua casa?** Tinha. Tinha escola perto da minha casa, tinha tudo. **Outras pessoas que a senhora conhecia**

frequentavam a escola? Frequentava, mais, esse povo que mora no sítio. Esse povo mais de idade, num se interessava né, a botar ninguém na escola, nem nada. Aí pronto, aí foi nesse tempo que eu num sabia de nada mermo. **E hoje na escola a senhora tá conseguindo encontrar o que veio buscar?** Graças a deus. Gostei muito. Tô lendo, e já sei fazer meu nome. Eu num sabia de nada. Se eu for pra algum canto, se eu vê a letra eu lendo eu acho que eu consigo reconhecer. **O que foi que a senhora achou da escola?** Achei muito bom. **E conhece pessoas novas né?** Conheço pessoas novas, tenho minhas amigas. Gosto muito da minha professora, minha professora é muito ótima. E graças á deus eu tô achando bom. Eu tinha vontade. Tem vez que me dá vontade de desistir, eu digo: ô Edmilson eu vou desisti. Não mãe num desista não. A professora Sandra disse. Eu disse ontem: ô professora eu num vô renovar minha matrícula não! Ela disse: Não dona Jura, pelo amor de deus num faça isso não. Renove sua matrícula. Eu digo: se eu num tô sabendo de nada. Ela disse: tá sabendo sim! Aí eu vou renovar. Porque o que eu aprender já me serve. Por causo que a pessoa que num sabe lê é cego! Todo canto que a pessoa for tem que ser com uma guia né? Se for pro hospital tem que ser com uma pessoa. Pra Garanhuns. Se for pra outro canto tem que ser com outra pessoa. Que eu num sei de nada né? E a pessoa sabendo, num é bom não? O que a gente aprender, o pouco que aprender. Já tá servindo né? Já me serve, graças a deus.”

JOSY, 35 ANOS 26/11/2018

“Boa noite, sou Josy, é... Parei de estudar quando eu tinha uns oito anos de idade por aí. Aí tive que ir pro roçado trabalhar pra ajudar minha mãe. Que meu pai foi se bora, deixou a gente sozinho. Aí tive que saí do colégio pra eu trabalhar alugado. Pra poder ajudar minha mãe. Aí por isso parei de estudar. **Você morava na zona rural?** Era. Aí parei de estudar pra ir trabalhar alugado pra poder ajudar mãe né? Porque se não... Mãe sozinha pra cuidar de 8 filhos, era muita coisa. Meu pai pegou foi se bora com outra. Aí a gente ficou e eu tive que parar de estudar. **Tinha escola perto da sua casa?** Tinha. A escola José Inácio, aí por isso deixei de estudar, e... Depois num quis voltar mais o colégio. **Com que idade tu parou?** Eu acho que uns 8 ano, pra 9 por aí. Aí parei na primeira serie, num estudei mais. Aí depois num quis voltar mais achei, que já tava tarde. E quando eu ia pro colégio o pessoal dizia que escola num tinha muito futuro não, que tinha futuro mesmo era ir trabalhar na roça. Num era meus pai que dizia não sabe? Era as pessoa assim... Aí parei de estudar. Aí depois fiquei adolescente, adulta, aí me casei cum 17 anos. Tive filho, depois fui cuidar dos filho. E agora

voltei a estudar. Correr atrás do tempo perdido. **Esse ano você voltou?** Foi. Mais já estudei o...Tá com seis anos que voltei a estudar com a professora Alda, mais depois desisti, fiquei com medo de andar a noite. Mais agora eu não vou desistir não. Porque é um sonho que eu tenho de aprender a escrever e a ler. **E teus irmãos eles estudaram?** Não. Não. **Nenhum dos oito?** Estudaram, mais só fizeram a primeira... Até a segunda... Até a segunda série né, que naquele tempo falava série. Pronto ninguém estudou mais. E tudo... sabe assinar o nome sabe. Mais num sabe escrever mesmo não. Pra... se precisar escrever uma carta eles num sabe. **E teus pais eles estimulavam?** Oxe. Mais tá! Levei até uma pisa uma vez. Omi, pra gente ir pra escola, era... Oxe meu irmão levou uma pisa tão da gota cum aquelas correia de sofá velha, que se mijou-se todinho (Risos), Foi... **E quando tu decidiu voltar foi uma ideia tua ou alguém incentivou?** Não. Foi minha sogra! A incentivadora foi minha sogra. Ela disse agora você vai voltar a estudar, que você já cuidou dos meninos, os meninos já tão grande. Então agora você vai voltar a estudar. Aí pronto, foi daí onde eu comecei a estudar. E agora eu tô gostando, **Hoje você mora no sítio ou na cidade?** Na cidade. **E quando você decidiu votar o que esperava encontrar na escola?** Foi tranquilo, porque eu não me lembro muito bem como foi na época que eu estudei né, não tenho muita lembrança da escola, mais voltei e imaginei do jeito que era mesmo, que eu tava pensando, **E hoje qual é o significado que a escola tem pra você?** Eu vô. O significado? É que eu tô aprendendo. Eu tô aprendendo muito. Tô gostando, a professora Sandra é uma professora nota dez, maravilhosa. Por isso, e não tenho... Não tenho vontade de desisti não. Vou continuar até terminar meus estudos se deus quiser.”

BIANCA, 29 ANOS 26/11/2018

“Boa noite, meu nome é Bianca eu tenho 29 anos. É... eu não quis mais estudar por conta que. Assim eu ia pá escola quando eu tinha 8 ano 9 ano. Aí minha mãe me botou na escola, e eu era. Assim os pessoal ficava mangando muito deu na escola. Os coleguinha ficava dizendo que eu era filha de doido isso e aquilo outro. Aí eu ficava com raiva e por isso que eu num ia mais. Eu sofria bullying na escola. Aí, daí eu comecei a parar num estudei mais. Aí depois de mãe de família já com meus filhos eu decidi vir pra escola. Depois deu grande. E achei que era interessante eu vir estudar, pra mim aprender a ler, fazer meu nome. **E nessa época que você parou sua mãe falou alguma coisa, pra você não parar?** Não, não. Ela sempre dizia vá pra escola, vá pra escola, minha filha. **Você viveu com pai e mãe ou só com a mãe?** Só

com a minha mãe, que meu pai ele foi embora pra São Paulo, minha mãe tinha se separado dele, então minha vida de... infância foi muito ruim pra mim. Eu vivia no sítio, aí depois disso minha mãe passou a vir morar aqui na rua. Aí foi que ela me botou na escola. Eu sofria muito isso na escola. **Essa lembrança que você tem da escola de quando era criança, uma lembrança de vergonha?** É. Essas coisas que os pessoal falava deu, fazia pouco deu, praticamente bullying que eu sofria né. Aí eu num passei a vim... Num ia mais pra escola. Eu achava ruim. Aí eu vi minha menina indo pra escola, ela aprendendo ler. Ela disse: Olhe mãe vá pá escola, é muito bom a gente aprender a ler. Aí meu marido as vez ele brigava. Num vai não, você já velha. Você vai segurar é menino no braço. Depois de velha vai pá escola. Eu digo, eu vou, quem sabe quando eu tiver com uns 30 ano ou 40 eu aprendo ler ou me formo. Tenho algo melhor né **E teu marido hoje diz o quê?** Tá mais tranquilo. Sempre ele vem me levar, vai me trazer. **Quantos filhos você tem?** Quatro, tenho quatro. Tem uma de 3 anos, vai fazer 4 anos. **E de quem foi o incentivo quando você resolveu voltar?** Não. Assim, minha menina mandou eu vir né? Mais, assim, eu pensei direitinho, fiquei pensando, pensando. Aí eu disse: Sabe de uma coisa, eu vou pra escola, porque pelo menos eu aprendo fazer meu nome. Sempre quando eu ia escrever alguma coisa no cartório eu tinha que assinar o dedo. **Até recentemente você não sabia assinar o nome não?** Não, num sabia não. Aí agora eu sei fazer meu nome. Sei soletrar algumas letras. E eu tô achando bom... Muito maravilhoso (risos). **E você acha que os alunos da eja desistem de estudar por quê?** É tem as família. Problema do dia a dia, as correrias. É muita coisa. E esse tempo que eu não vim pra escola eu passei muita dificuldade em casa. Aí eu disse: Mais eu num vou desisti não, eu vou. **E hoje qual é o significado que a escola tem pra você?** É bom. Eu acho bom vir. Eu fico escrevendo, quebro um pouquinho a cabeça, mais vou aprendendo daqui, aprendendo de lá. **Você acha que aprende mais na escola ou na vida?** Eu acho que aprende mais na escola. Porque a vida... Minha vida eu já vivi muito e sei o que é né, e eu quero aprender assim...Na escola.”

JUNIOR, 17 ANOS, 26/11/2018

Meu nome é Júnior. Meu nome é Júnior. Um dos motivos de ter parado de estudar foi por conta que minha mãe trabalhava muito. E... e por ela trabalhar muito ela era chamada pra diversos canto. Aí por assim ela trabalha em muitos canto ela tinha que se mudar, por conta de distancia também. Aí ela se mudava muito, no finalzinho do... Geralmente era sempre quando

ela... tava, quando a gente tava terminando o bimestre, no final do ano. Toda vez que a gente tava terminando, ela se mudava. Muitas vez ela num pegava a transferência pra colocar em outra escola. A gente foi perdendo, só que tipo, nós fomos perdendo por passar de série, mais nós aprendia bem na escola. Até que... num só fui eu, foi meus irmão todos, todos os meus irmãos, dois desistiram e eu e outro irmão meu tá continuando pra vê onde a gente chega.

Qual é a lembrança mais antiga que tu tem da escola? Foi uma briga, num tem como esquecer. Porque a gente era novato na escola, aí tipo como nós era novato, nós era irmão e estudava na mesma sala. A gente tinha nós pra compartilhar as coisas, pelo menos isso. Aí teve uma briga que aconteceu com meu irmão, por conta que quebraram. Nós pegava o ônibus, que foi até do programa caminho da escola. Aí nós pegava esse ônibus. Aí teve um aluno que quebrou um negócio que abre a porta do ônibus. Aí colocaram a culpa pro meu irmão, por causa disso meu irmão parou de estudar porque ele foi acusado de uma coisa que ele num tinha feito, e porque nós era novato todo mundo concordou com o menino que tinha mais tempo lá dentro. **Tu nunca passou um ano inteiro sem estudar?** Não! Sempre recomeçava, nunca tinha chance de passar de série. Teve uma série que eu passei por conta que eu... Tinha uma diretora que eu conhecia ela, minha mãe estudou com ela, e ela foi tão legal que passou nós pra quarta série. Aí foi por isso, que tipo, hoje nós num era pra... hoje era pra nós tá na primeira fase, por causa que ela é... colocou nós em outra série. Porque ela viu que a gente já tinha estudado muito e nunca conseguia passar. Por causa que ela viu que ela se mudava muito e não transferia nós. Aí ela passou nós de série. Dois irmão meu que continuou um não. Ano passado, eu tentei começar do ano passado só... Até estudei um pouco também no Mário Matos lá em Garanhuns, só que também não teve como eu terminar o ano por conta que também era transporte e eu tinha que pagar. E meu pai nem minha mãe ajudava com a passagem e tal, aí eu tinha que me virar do meu jeito. Aí acabei desistindo, porque não tava dando. Todo dia gastar cinco reais. Todo dia sem ter uma renda. Aí eu desisti ano passado. Aí esse ano comecei a estudar de novo e... tô vendo se eu consigo passar esse ano. **Tua mãe incentiva vocês estudar?** É. Toda mãe diz estude. Todo pai. Estude que sem estudo você não é nada e isso... Só que eu num acredito que seja um incentivo não por conta que... Incentivo é quando a mãe: vá pra escola, não vou não. Não tem que ir de qualquer forma, é aquela mãe que pega no seu pé pra você ir. Faça chuva ou faça sol você tem que ir, mas quando a mãe libera pra você fazer o que quiser, ah.. tanto faz como fez, você ir ou não, aí já vira mais um lado pessoal aí é por você mesmo. Ou você vai e estuda pra você, pra no futuro você ser alguém. Por conta sua, ou você para de estudar e vira um... zé ninguém. Porque eu acredito que agora já... Quem não tem estudo hoje já é literalmente um nada. E lá na frente eu acredito

que vai ser bem muito mais pior pra quem não tem estudo, e pra muita gente que não estuda que pudesse voltar isso seria uma boa. Uma boa opção porque hoje tem gente que tá sofrendo mais tem oportunidade, lá pra frente eles pode sofrer mais e pode num ter mais oportunidade.

E aqui na turma por que tu acha que desistiram tanto? É... eu acredito que tem gente que desiste de estudar por conta que tem filho pra criar. Alguns que trabalha pra se manter. Então acho que muitos, muitos desistiram por conta que num tem, tem a oportunidade só que num tem tempo. Tipo eu trabalho ah.. chego cansado num posso ir pá escola. Alguns ah.. trabalho chego cansado ainda vô cuidar dos meus filhos, num vô mais pra escola não. Só que, eu acho que, eu creio que são pessoas que tem vontade de vim pra escola só não tem é... como é que se diz, só num tem oportunidade.

E tu acha que as pessoas aprendem mais na vida ou na escola? Bom... Isso é uma pergunta muito complexa porque tem gente na vida que... Eu mermo aprendi a lê não foi na escola, num precisei aprender na escola. Não aprendi matemática na escola, literalmente tudo que eu sei hoje não precisei da escola. Tipo o mundo é uma escola também. Só que elas ensina coisas diferente. Na escola você, ensina o que você precisa pro futuro, na escola lhe ensina coisa que vai lhe prejudicar no futuro ou pode lhe fazer bem. Só que num vai fazer bem como a escola faz. São duas escolas diferente, eu acredito que talvez é... Que talvez lá pra frente num... Num tenha mais oportunidade, porque pessoas que desistiram hoje pelo menos colocando seus filhos pra estudar lá pra frente eles num vão sofrer independentemente de qualquer coisa. Eles tendo o estudo eles tem tudo, isso eu tiro por mim num poder estudar numa escola com alunos da minha idade, num ter como aprender o básico que era... Passou um ano passou uma série.

Tu acha que se prejudica em estar estudando na eja? Eu acho que preju... Se prejudica muito, muito mesmo, porque tipo você tá avançando duas séries, você tá aprendendo uma e passando outra e tipo quando você for colocar a segunda fase vou passar pra terceira, vai ser dois anos que você vai pra frente é.. Sim... E do quinto ano você aprendeu o quê? Você já vai ser pulado de uma série que lá pra frente você vai ser. você vai lhe levar. Vamo colocar, vai chega uma matemática lá pra frente que você vai se quebra porque você num aprendeu antes, entendeu?

Quando você foi fazer a matrícula, você optou ir pra eja ou a escola já fez direto? É... lá em Garanhuns, lá tem uma escola... Num tem o Eliza coelho, sabe onde é? Pronto o Eliza Coelho só estuda se você tiver menos de 18. A tarde, só de manhã e a tarde. Se você tiver mais de 18 você num estuda. A não ser que esteja pelo menos no primeiro ou no segundo ano do médio. A noite tem o eja normal como toda escola, só que no meu caso eu optei por... por o eja até porque tenho 17 anos, pra eu passar pra... Vamo colocar, termina o fundamental com 17 anos e ir passando de uma série vai ser ruim pra mim. E eu fazendo o eja também vai ser ruim. Mais vai me dar

uma vantagem por tá adiantando os estudo. Vamo colocar... Vou perder muitas coisas, vou perder de aprende muitas coisa, mais o que eu não aprender na escola eu posso aprender... Hoje tem muita é... Hoje é movido a tecnologia. Hoje o que a escola num ensina você chega pega um celular, você aprende, então eu acho que... Acho que vai ser tranquilo eu aprender... O que eu não aprender hoje na escola tem outros meios deu aprender.”

JUCIENE, 54 ANOS 27/11/2018

“Meu nome é Juciene, eu comecei a estudar quando tinha 12 anos. Aí estudei uns dois... três anos depois parei. Parei com 15. Com 15 anos eu parei porque tive que trabalhar, aí depois eu continuei de novo. Estudei de novo né, estudei de novo aí parei de novo. Aí eu vim estudar com 27 anos. Eu morava em Garanhuns, aí estudei uns dia de novo aí depois parei de novo. Tive que casar, eu casei. Antes de casar estudava aí comecei a. Casei aí desisti. Aí depois de muito tempo né, vim morar aqui ai continuei de novo a estudar. Aí fiz a matrícula um ano. Estudei outro ano, desisti. Num estudei mais. Aí depois de dois ano de novo continuei a estudar, até hoje eu estudo. **Deixa eu entender, a primeira vez que a senhora foi pra escola foi com 12 anos, antes disso a senhora nunca tinha estudado?** Não. Se eu fui eu num me lembro. **Essa é a lembrança mais antiga que a senhora tem da escola? Aos 12 anos. era no sítio? a escola era perto da sua casa?** Era no sítio. A escola era longe da minha casa, num sítio muito longe, sítio... era em Angelim, no sítio xique-xique. Eu estudava lá. **A senhora foi desistindo e aos 27 anos recomeçou?** Foi de novo na rua. Parei de novo, pra trabalha., Aí continuava a estudar e desistia, num terminava. Se tivesse terminado hoje eu num... né, já tinha terminado tava trabalhando, mais eu sempre começava e desistia, nunca continuei a estuda não. **Depois que a senhora casou não continuou?** Parei foi. Era pra mim ter continuado, aí desisti, parei. **O que a senhora ouvia falar da escola na sua infância?** Falava assim pra mim estudar, porque né, era melhor pra mim, estudar, mais eu nunca era de botar na cabeça. **E hoje depois desse tempo todo, o que a escola significa pra senhora?** Agora, tá assim. Aprendendo mais né. Que eu nunca... o que eu perdi né, perdi atrás né, agora eu tô né, tô né continuando né. Se a gente continuar, aí né. **Alguém incentivou a senhora voltar?** Ela falou: ô mãinha, vá estudar. A senhora não aprendeu, num aprendeu, quem sabe a senhora num aprende. Aí de vez em quando ela dizia: não mãinha estude mais não, que a senhora num vai aprender mais não, que já tá já nessa idade. Eu disse: não, eu vou estudar. **Agora a senhora acha que tá sendo bom ter voltado?** Tá. Que eu num sabia de... Eu num

sabia de nada. Eu num sabia nem ler, pra assim viajar. Eu num sabia nem ler a placa do, do ônibus e agora eu sei. **E por que a senhora acha que os alunos desistem na eja?** Desiste? Eu acho que é... assim, porque dá sono de noite. A noite dá sono, cansa muito, e mais os jovem né, tem mas jovem desiste. **E a senhora acha que aprendeu mais, ou está aprendendo mais na escola ou na vida?** Na escola! Na escola aprende mais.”

GILSON, 20 ANOS 26/11/2018

Quando foi que você deixou de estudar, ou tu nunca estudou?

Estudei mais faz tempo já.

Com que idade?

Uns seis anos.

Aí desistisse por quê?

Desisti porque não gostava de estudar.

E tu morava no sítio ou na cidade?

Na cidade.

E teus pais incentivavam?

Incentivava (risos), por conta deu mermo que num quis.

E qual o significado da escola pra você hoje?

Bom, aprende muitas coisa.

Voltasse esse ano?

Foi.

O que tu lembra da escola na infância?

Briga! Com os amigo!

E quando foi que tu decidiu a voltar a estudar?

Decidi porque eu tenho um sonho, de dançar, ser professor de dança.

Tu já participa de algum projeto nesse sentido?

Já, de vez em quando, mais só questão de série né. Só mode isso eu voltei!

JOSÉ 37 ANOS. 27/11/2018

“Meu nome é José, tenho 37 ano. Desisti de estudar com 10 anos, e voltei em 2017. **Ano passado você estudou aqui?** Não, lá em baixo, no João de Assis. **Qual foi o motivo que fez você desistir?** Ruindade, eu desisti por conta de ruindade mesmo. Não quis estudar mais, e agora tive que voltar porque tem que tirar a habilitação e quem viaja muito tem que saber ler alguma coisa né. Mais só é isso mesmo. **Alguém te incentivou a vir pra escola?** Não! Foi

uma ideia minha mesmo. **Qual o significado que a escola tem pra você hoje?** Coisa boa! **E você tá conseguindo encontrar o que veio buscar aqui?** Devagarzinho tô. Vou continuar até o fim. **Na tua infância o que tu lembra da escola?** Só quando eu estudava no estado mesmo. Mais só essa época mesmo. Ia até o meio do ano. Do meio do ano num ia mais. **Abandonou por que quis?** Foi porque que quis mermo! **E teus pais estimulavam?** Levava, quando chegava lá voltava eu tava em casa já. **Quando você voltou achou a escola muito diferente?** E muito, muito, ave maria, muda muito né, mais foi bom, me arrependi porque num continuei estudando né. **E da turma porque tu acha que o pessoal desiste tanto?** Eu acho que muita gente tem muito compromisso né, aí vai se desgastando aí não vem mais. **Você acha que a pessoa aprende mais na escola ou na vida?** Na escola! Porque na escola você tá aprendendo cada vez mais né, e na vida você... se você tiver num canto você num vai tá leno distante instante, e na escola você fica leno.”

EDITE, 40 ANOS 27/11/2018

“Meu nome é Edite Maria Alves de Matos Gomes. Moro no sítio Gambelo município de São João. Tô voltando a estudar agora, porque na época da adolescência não tive a chance de estudar. Porque desde que eu nasci que eu moro na roça né, no sítio. Aí veio, minha mãe e meu pai trabalhava na roça. Tinha filho pequeno, eu ficava em casa pra cuidar dos irmãos pequenos. Era pra cuidar de almoço cuidar da casa e cuidar dos pequeno. Aí num tive chance de estudar. Depois... Aí eu pensei de voltar a estudar. Já num tive a chance porque casei logo. Casei com 16 anos. Aí engravidei. Aí viajei pra São Paulo, depois voltei. Depois tive mais filho, aí foi ficando, ficando, ficando. Aí consegui, minha mãe. Também sofri muito...minha mãe bebia muito. E eu praticamente tomava conta da casa. Eu é que era a mãe dos pequeno, porque era eu que cuidava de tudo. Aí casei. Já veio de atrás a bebida né? Casei cum triste. (risos) aí lá vai sofrê também. Aí criei meus filhos, hoje meus filhos tão... Tem duas casada, um mora em São Paulo, tá com dois ano que mora prá lá. Perdi um filho recentemente, fez um ano, de morte trágica né. Sofri muito, entrei em depressão. Fui pra psicólogo, depois desisti da psicólogo. Aí fiz minha matrícula e voltei a estudar. **Na tua infância tu chegou a estudar?** Cheguei só a primeira série. Depois desisti de vez. Eu num terminei nem o ano, porque já veio os outros irmão pra eu cuidar. Aí eu já desisti. Aí eu já fui criando... Cuidando dos irmão, chegando mais irmão, né. **Tinha escola perto da sua casa na infância?** Não, a escola. A gente vinha do sítio a pé, aqui pra São João. A gente estudava de manhã. Aí a gente vinha de

manhazinha cedo quando era de meio dia a gente voltava pro sítio de pé. **Essa é a lembrança mais antiga que tu tem da escola?** É. Aí depois cum tempo... Depois de um tempo já tinha desistido mermo, num deu pra terminar. Aí foi abriu um colégio lá no sítio, mais só pra criancinha pequeninha. Aí a gente... eu mermo como tinha desistido. E os outro como tava maiorzinho continuaram estudando na rua. Porque a que abriu lá foi pras criança pequena. Aí pronto. Aí fui levando assim, fui levando, levando. **A volta pra escola foi esse ano?** Foi! Aí eu disse. Eu digo eu vou estudar, aí pedi a o... esposo. Deixa fulano eu estudar. Omi, mulé já com meio mundo de filho, já depois de velha vai querer estudar. Deixa rapaz, deixa eu estudar deixa eu estudar. Aí ele disse: tá bom vai. Aí eu vim fiz minha matrícula e comecei estudar, já quase no meio do ano. **Teve algum incentivo de alguém?** Foi. Não. Aí eu trabalhava na casa de uma mulher aqui em São João, aí ela falou: Edna tu sabe ler? Não, eu fui pra São Paulo, quando eu cheguei em São Paulo, aí eu arrumei um trabalho, já tava tudo certinho pra eu trabalhar, e eu cheguei no primeiro dia de trabalho eu num sabia nem ler nem escrever. A mulher num me aceitou. Porque eu num sabia nem ler nem escrever, porque ela falou assim: Edna como é que você vai trabalhar, como é que você vai anotar um recado. Como é que você vai dá um medicamento a uma pessoa, se você não sabe de nada. Aí não fiquei trabalhando. Aí passei dois ano em São Paulo. Aí voltei, fui morar em Caruaru. Quando eu cheguei em Caruaru, aí tinha essa merma que tinha aqui né. De adulto, voltar a estudar, e na, na rua que eu morava era na rua do colégio. Aí eu via aquele povo alí tudo indo. Aí arrumei amizade, e as menina disse: Edna queis estudar não? Olha mais é tão bom, a gente tanto aprende, que nem a gente arruma amizade. Eu disse tá bom, aí fui. Eu vô. Aí fiz minha matrícula. Foi a primeira vez que eu estudei depois de adulta. Foi em Caruaru, a noite. Aí fiz a matrícula, comecei a estudar, comecei gostar, aí passei dois meses estudando. Aí lá vai eu me mudei pra cá. Aí passou 3 anos, depois que eu sai de Caruaru, e eu sempre vinha na minha cabeça aquela. Eu num tava estudando, eu devia estudar aqui. Aaí eu vô peço o marido, e tô estudando. Aí já pensei várias vezes em desistir, mais eu penso, se a chance que eu tenho de voltar a estudar é agora, porque que agora eu vou desistir. Agora eu vô até o fim. **Hoje qual é o significado que a escola tem pra você?** Significado... só coisas boa, porque, antes eu num sabia. Eu num conhecia as letras, agora já conheço, antes meus documentos era tudo analfabeto, hoje os meus documentos já é tudo com minha assinatura. Uma coisa boa. Tô conhecendo as letras, já tô lendo muitas palavras. **Por que tu acha que muitos alunos desistem?** Força de vontade! É porque assim, muitos desistem porque na primeira dificuldade, desiste. **E você acha que aprende mais na escola ou na vida?** As duas coisa, a gente aprende nas duas coisa, eu acho.”

ROSA, 41 ANOS 28/11/2018

“Meu nome é Rosa. Tenho 41 anos. Eu fui criada sem pai e sem mãe. Fui criada com minha vó. Quando ela morreu eu tinha 18 anos. Aí eu tive que parar os estudo pra mim sobreviver. Que eu trabalhava na casa de família e num dava pra mim continuar. Que eu chegava já tarde aí pra mim era muito pesado. Pra mim fazer duas série. No tempo eu fazia duas série era quinta e sexta. Aí eu fui obrigada a parar mermo. Eu tinha vontade continuar meus estudo porque. Mais num dava pra mim. Aí eu passei um tempão sem estudar. Aí depois eu casei. Aí conversei com meu marido, pra ele deixar eu estudar. Ele disse que num deixava. Arrumei filho. Aí ele disse: mulher que arruma filho num tem direito de estudar. Mais aí depois que ele morreu. Eu tinha vontade de voltar a estudar. Mais depois que ele morreu eu continuei os meus estudo. E tenho seis filho E eu digo pra eles não pararem de estudar. Que o que eu passei eu não quero que eles passe. O que eu passei. Que é muito triste a pessoa que vive sem estudo. Chega num canto tem que pedir informação a um e a outro. E eu acho chato isso. Vai fazer uma conta tem que mandar outra pessoa fazer. Vai pro supermercado tem que perguntar os preços as outras pessoas. Tudo isso. A pessoa que vive sem estudo num é nada na vida. Até 18 anos eu estudei na rua, que minha vó morava aqui na rua, foi até na escola que era deputado Joaquim Goutino pegado com o João de Assis. Hoje num existe mais. **E tu parou em que série?** Eu parei no quinto e no sexto. **E por que tu teve que voltar pra primeira fase?** Mandaram eu repetir tudo novamente porque tava com muito tempo, muito anos. Aí parei com 18 anos e voltei a estudar com 40 anos. 41 aliás. **O que tu lembra da escola na infância?** Muito diferente, muito mermo. Num tinha essa bagunça que tem hoje. Era muito bom. **E hoje qual o significado que a escola tem na sua vida?** É.. eu... a gente aprende muito. O que eu num aprendi no passado eu pretendo aprender agora no futuro. Que eu pretendo terminar meus estudo e fazer uma faculdade pra enfermagem. Isso é meu sonho. No tempo que eu parei de estudar, se eu tivesse continuado eu tinha feito o curso de enfermagem, mais infelizmente, não cheguei a fazer, mais eu. Com fé eu deus eu chego lá. **E na época que tu parou o que as pessoas falavam da escola, incentivavam?** Eu fui criada sem mãe e sem pai. Meu marido não deixava. **Pra voltar agora teve alguém que te incentivou?** Não. Ninguém, eu mesmo, botei na cabeça. Eu vou voltar a estudar. Porque eu tenho vontade de terminar meus estudos. Mais minhas vizinha tudinho diz o é que tu vai vê na escola depois de velha? Tu vai aprender mais o quê? Eu disse eu vou aprender o que eu num aprendi no

passado. Que nunca é tarde pra gente aprender a ler e a escrever. **O que você esperava encontrar aqui na escola?** Boas amizades, uma professora muito boa. Que a professora Sandra é uma professora muito boa. E eu num tenho o que dizer da escola não. A gente é quem que coloca na cabeça o que a gente quer. **Por que você acha que a maioria dos alunos desistem na EJA?** No inicio do ano lotou essa sala visse. Agora só tem esse pouquinho. As vezes é porque num tem interesse. Porque vê a minha vida, eu crio seis filho sozinha. Durante o dia eu passo o dia todinho trabalhando, e eu quebro muita cabeça durante o dia. E a noite eu venho estudar. Se fosse outra não vinha. Porque eu quero terminar meus estudos, eu quero ter uma faculdade mermo depois de velha. Eu quero fazer uma faculdade. Que meu sonho era esse. Meus filhos, eu incentivo eles a ter um futuro melhor do que o meu. Que meu futuro num foi bom. Pra mim num foi bom, meu futuro só foi de sofrimento. **Tu acha que as pessoas aprendem mais na escola ou na vida?** Eu aprendi muito na vida visse, e tô aprendendo agora na escola. Eu sofri muito na minha vida visse. Sofri porque eu parei meus estudo, e a vida ensina muita coisa a gente.”